

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RAFAEL SEIXAS DOS SANTOS**

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL MASCULINO NO RIO GRANDE DO  
SUL NA DÉCADA DE 1980**

**Porto Alegre – RS**

**2010**

**RAFAEL SEIXAS DOS SANTOS**

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL MASCULINO NO RIO GRANDE DO  
SUL NA DÉCADA DE 1980**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para obter o título de licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Janice Zarpellon Mazo

**Porto Alegre – RS**

**2010**

## RESUMO

O voleibol masculino no Rio Grande do Sul tinha um caráter amador até a década de 1970. Gradualmente começou o chamado processo de profissionalização do voleibol com a presença de patrocinadores do esporte. A pesquisa tem como objetivo identificar como ocorreu o processo de profissionalização do voleibol masculino no Rio Grande do Sul na década de 1980, identificando clubes, atletas, técnicos e outras personalidades que se destacaram. O intuito do estudo também foi reconstruir as memórias do voleibol, uma vez que para a maioria da população o voleibol masculino tornou-se realidade apenas após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, desconhecendo o passado que possibilitou tal conquista e posterior supremacia do Brasil no voleibol mundial. As fontes consultadas consistiram basicamente de jornais do Rio Grande do Sul, e utilizaram-se também revistas, folhetos. Evidenciou-se que o Banco Sulbrasileiro foi pioneiro no patrocínio do voleibol no Rio Grande do Sul, oportunizando aos atletas a remuneração e melhores condições de treinamento. Conclui que era necessária a profissionalização do voleibol no estado do Rio Grande do Sul para levar não só o Estado, mas também o país a grandes vitórias internacionais, tendo claro que o amadorismo foi imprescindível para essa transição.

**Palavras-chave:** Esporte. Voleibol. História.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>7</b>
<b>3. A CHEGADA DO VOLEIBOL NO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>9</b>
<b>4. A FASE AMADORA DO VOLEIBOL NO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>14</b>
<b>5. A PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL NO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>59</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Seleção do Rio Grande do Sul, no 13º Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil.....	28
Figura 2 - Rotina do Bageense Nilton as sextas-feiras.....	35
Figura 3 - Renan durante treinamento como preparação para o Mundial Juvenil de Voleibol.....	40
Figura 4 - Equipe da SOGIPA tricampeã invicta.....	57
Figura 5 - Material de divulgação na mídia da equipe de voleibol do banco Sulbrasileiro.....	63
Figura 6 - Divulgação da caderneta de poupança do banco Sulbrasileiro na camiseta da equipe.....	64
Figura 7 - Equipe formada pelo Sulbrasileiro para início das disputas.....	66

## 1. INTRODUÇÃO

O voleibol é um esporte que a população brasileira tem acesso, seja através da prática em escolas e clubes, das universidades, da televisão, dos jornais, das revistas, ou dos livros. Para a grande maioria das pessoas esse processo iniciou no ano de 1992, quando a seleção masculina brasileira conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona. Desde então, o esporte conquistou grande visibilidade que permanece até o momento.

O voleibol já era uma realidade décadas anteriores ao ouro olímpico, tendo no estado do Rio Grande do Sul, entre os anos 1970 e 1980, o seu período áureo, vivenciando a transição do amadorismo para a profissionalização. Este importante momento que viveu o voleibol foi fator decisivo para dar continuidade a seu desenvolvimento e ter a representatividade que a modalidade atingiu hoje. Por isso, esta pesquisa busca reconstruir o processo de desenvolvimento do voleibol masculino nas décadas de 1970 e 1980 no Rio Grande do Sul, em especial a transição da fase amadora para a profissionalização deste esporte.

Justifica-se a realização do estudo em razão do esporte estar presente em minha vida desde criança, e o voleibol desde os primeiros anos de idade. Isso se deve ao fato de meu pai ser técnico de voleibol, formado em educação física, e ter destinado praticamente a vida inteira a essa modalidade, sempre com muita paixão e dedicação. E, mesmo depois de aposentado continua exercendo a carreira.

Dessa forma não seria diferente, com tamanha influência, que eu seguisse envolvido na área esportiva. Acompanhava meu pai em treinamentos, jogos e algumas viagens. Dentro de casa, juntos, acompanhávamos os jogos da Liga Nacional de Voleibol, Jogos Olímpicos e jogos mundiais. Pratiquei voleibol na SOGIPA no início dos anos 1990 até a categoria infantil, e parei de jogar devido a

minha altura, pois era considerado muito baixo, mesmo para a posição de levantador.

No entanto, voltou meu contato direto com a modalidade, depois de cursar a disciplina de voleibol na ESEF no primeiro semestre de 2010, quando conversei com a professora Janice e resolvemos desenvolver meu trabalho final de curso sobre o processo que o voleibol sofreu entre as décadas de 1970 e 1980 com a sua profissionalização. Tal interesse de assunto foi levantando devido ao fato das gerações pós anos 1990, que deslumbraram do sucesso do voleibol, quase nada saberem sobre o voleibol na fase amadora.

## 2. METODOLOGIA

Para analisar o voleibol masculino no Rio Grande do Sul e no Brasil durante esse período e a visibilidade na qual a modalidade atingiu foram utilizadas diversas fontes de pesquisa, dentre as quais, entrevistas, jornais da época, artigos, periódicos, livros, fotografias, entre outras. A busca por materiais para desenvolvimento do estudo foi algo constante e trabalhoso. Consultei bibliotecas dos principais clubes da época, entre eles SOGIPA e Grêmio Náutico União, mas pouco foi conseguido, alguns folhetos ou informações em cadernos comemorativos.

Também conversei com o professor Cícero, no qual me passou algumas dicas e material, e me reafirmou que realmente fontes documentadas do amadorismo não seriam fáceis de encontrar. Claudio Coelho Braga, diretor da Federação Gaúcha de Voleibol, também foi consultado, mas infelizmente informou que não dispunha de material dessa época.

Em seguida fui buscar entrevistas realizadas pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) com os irmãos Volpi que foram importantes personagens da época. Contatei o professor e técnico Ivan Gallo, ao qual me emprestou importante material sobre a equipe do Sulbrasileiro. Também entrei em contato com o radialista Rodrigo Koch, ao qual me informou que não tinha informação adicional, a não serem aquelas escritas em seu livro.

A principal fonte utilizada no estudo foi informações jornalísticas da época, guardados por minha mãe, pois além de serem raros de consegui-los, são subsídios importantes para retratar o momento da época.

Dessa forma, pensando que a história é feita com documentos escritos, e no caso de não existirem tais dados ou serem escassos, deve-se persistir no desenvolvimento do trabalho com as fontes levantadas, aliou-se jornais, revistas,

entrevistas, estudos anteriores, com conversas de profissionais explorando e retratando as características da época.

Assim sendo, nas páginas a seguir delimitadas, encontraremos no capítulo três uma breve revisão bibliográfica tratando sobre a chegada do voleibol no Rio Grande do Sul, bem como seu surgimento e desenvolvimento; no capítulo quatro tratar-se-á do voleibol amador, principalmente no Rio Grande do Sul; no capítulo cinco aborda-se a profissionalização do esporte, com o surgimento da primeira empresa a patrocinar a modalidade no Rio Grande do Sul, o Banco Sulbrasileiro; no capítulo seis são feitas as considerações finais a respeito do estudo realizado.

### 3. A CHEGADA DO VOLEIBOL NO RIO GRANDE DO SUL

O voleibol teve seu início no ano de 1895, quando o diretor de educação física - William Morgan - da Associação Cristã de Moços (ACM) de Holyoke, no estado de Massachusetts, Estados Unidos, criou a modalidade. William Morgan observou que o basquetebol, esporte criado quatro anos antes, atingiu grande popularidade entre os jovens, no entanto os adultos da ACM achavam que o basquete era um tanto violento e cansativo. Ou seja, o Voleibol atingiu aos desejos de um grupo específico, ao qual desejava uma prática prazerosa, mas sem desgaste físico. Como escreve Júnior (2004, p. 82), falando do público atingido pelo voleibol:

Pela origem do Voleibol e palavras de Morgan referentes aos objetivos e ao público a ser atingido pela modalidade, percebemos fundamentalmente que o esporte nasceu respeitando as necessidades de uma elite, qual seja, a elite clubística cristã. [...] O que vale registrar é que a burguesia emergente americana necessitava de uma atividade que poupasse os “homens de negócios” dos contatos mais ríspidos e das oscilações climáticas do inverno americano (JUNIOR, 2004, p. 82).

Inicialmente o Voleibol foi batizado de *Minonette* (também descrito de *mintonette* por algumas fontes), um esporte com características distintas dos já praticados na época e de origem européia. Valporto (2007) informou que Alfred T. Halstead, colega de Morgan, sugeriu a passagem de nome da modalidade, inspirado pelo vôlei da bola de um lado para o outro da rede: *volley* (do francês *volée*, vôlei) *ball* (bola). Sua criação ocorreu em uma sociedade capitalista, diferente de outros esportes, como o popular futebol, inventado na Inglaterra. Observa-se que a exclusividade de uma nova criação esportiva não se restringia ao velho continente, e que os campos esportivos de outros países poderiam ser preenchidos com modelos distintos oriundos de outros continentes e nações.

É inegável que o voleibol possui características de outros esportes, utilizando a rede de tênis para divisão da quadra e a câmara da bola de basquete no elemento utilizado para o jogo de voleibol. “[. . .] O jogo consiste em conservar uma bola em movimento sobre uma rede alta, de um lado para o outro, e apresenta, assim, as características dos outros jogos, como o tênis e o handebol” (<<http://www.volei.com/historia.htm>> Acesso em 11 de maio 2010). No entanto, o voleibol foi criado com características próprias e dinâmica diferente de jogos ou esportes predecessores.

Ainda assim existe uma versão de que o Voleibol tenha originado-se do *Faustball* (Punhobol) praticado no continente europeu, mais precisamente na Alemanha, no final do século XIX. Porém, Júnior (2004, p. 25), nega essa possibilidade:

[...] podemos afirmar que o Voleibol no Brasil, nitidamente, não evoluiu do Punhobol da nação tedesca, da queimada, do câmbio ou de qualquer outro tipo de manifestação ou jogo popular. Ele foi inserido nacionalmente pelo processo de propagação da nova modalidade esportiva americana. Categoricamente, não houve no Voleibol brasileiro esportivização de práticas culturais, houve sim uma importação do esporte e do respectivo conjunto de símbolos e estruturas desse campo (JUNIOR, 2004, p. 25).

Não é fácil determinar em que momento específico o voleibol foi introduzido no Brasil. Alguns autores citam que a primeira exibição ocorreu no Colégio Marista de Recife em Pernambuco, em 1915, enquanto outros destacam a ACM de São Paulo, em 1916. Rapidamente, o voleibol começou a dissipar-se no país, com clubes e colégios aderindo à nova moda esportiva, ganhando adeptos também nas Forças Armadas, uma vez que os militares americanos exaltavam seu potencial como atividade de lazer nas tropas.

Devido a grande popularidade do futebol, o voleibol desenvolveu-se em clubes de elite do país, sendo que “o primeiro grande passo para a difusão do volibol foi dado pelo Fluminense Futebol Clube” (IMPrensa DO EXERCITO, 1966, p. 13). “Registros evidenciam o Fluminense F.C. como uma das poucas instituições esportivas que buscaram ofertar aos seus associados oportunidades de vivenciarem a modalidade em torneios [ . . .]” (JUNIOR, 2004, p. 81) No Rio de Janeiro surgiram times do Flamengo, Botafogo, Fluminense, Vasco e Bangu; em Minas Gerais clubes como Atlético, Cruzeiro e América formaram suas agremiações e em São Paulo destacavam-se São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Santos. Serafim (2004) mostrou que no Rio Grande do Sul, o Grêmio *Foot Ball* Porto Alegre iniciou suas atividades no ano de 1929, interrompendo-as entre 1935 a 1943, e no seu retorno chegou a conquistar o heptacampeonato citadino de voleibol no ano de 1960. Após um longo recesso, o Grêmio *Foot Ball* Porto Alegre ressurgiu em 1973 com a conclusão de seu ginásio, possibilitando os treinamentos da equipe independente das condições climáticas.

Com a necessidade da criação de um órgão estruturado e com representatividade além da administrativa, em 20 de abril de 1947, em um Congresso em Paris, foi fundada a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), presidida pelo francês Paul Libaud, e que tinha por interesse a normatização, organização, desenvolvimento, divulgação e popularização do esporte.

Em 9 de agosto de 1954 foi criada a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), representando os interesses da FIVB, porém com âmbito nacional, gerindo o esporte no Brasil. De acordo com Koch (2005), a CBV nasceu das Federações Paulista, Paranaense em 1953, Mineira e da Liga de Voleibol do Rio de Janeiro em 1938. Nesse ano surgiu a Federação Gaúcha de Voleibol.

O voleibol teve suas primeiras iniciativas de organização em Porto Alegre e devem-se a Associação Cristã de Moços (ACM), instalada em 26/11/1901 pelo americano Frank Long. Apesar disso, o voleibol seguiu por muitos anos sendo um “jogo desconhecido no Rio Grande do Sul”. Segundo Informativo Especial – 50 anos da Federação Gaúcha de Voleibol (2004), no ano de 1916, uma delegação uruguaia participando de uma competição de ginástica em Porto Alegre, fez uma exibição do jogo de voleibol, e o interesse crescente pelos esportes anglo-saxônicos começou a partir dos anos 20. Em 1925, foi organizada a Liga Atlética Rio Grandense (LARG) que passou a supervisionar o voleibol, o basquetebol, o atletismo e a esgrima. Conforme Serafim (2004), ainda nessa mesma década surgiu a prática em clubes importantes, como a SOGIPA (Sociedade de Ginástica Porto Alegre) e o Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense para continuar o ascendente crescimento do voleibol. Em 1928, foi promovido pela LARG o primeiro campeonato oficial de voleibol de Porto Alegre, com a participação das equipes da ACM, SOGIPA, Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense e Clube de Regatas Porto Alegre.

Na década de 1930, surge o voleibol em mais um importante clube de Porto Alegre, o Grêmio Náutico União (GNU). Em 1942, devido a expansão do voleibol pelos clubes da cidade foi realizado o primeiro campeonato metropolitano da modalidade. Após três anos, em 1945, começou a ser editado o Campeonato Estadual de Voleibol, confirmando o crescimento dessa prática esportiva. Os anos 1940 ficaram marcados pela supremacia da equipe masculina da Associação Cristã de Moços (ACM) na qual venceu em oito anos consecutivos o campeonato da cidade, sendo o interior de seu ginásio o lugar de muitas disputas.

Na década de 1950, mais precisamente em 27 de setembro de 1954, foi fundada a Federação Gaúcha de *Volley-Ball* (FGV), numa iniciativa das associações

e clubes gaúchos que desejavam criar uma instituição para dirigir o voleibol em âmbito Estadual. Nesse momento o voleibol deixa de ser tutela da Federação Atlética Rio Grandense (FARG) criada no governo do presidente Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo (1937-1945) e passa a ser responsabilidade da FGV.

Nessa década, Porto Alegre fortalecida com a industrialização, destaca-se o importante papel da imprensa escrita, no qual era comum reportagens de página inteira e manchetes informando e convocando o público a assistir e participar dos campeonatos e eventos da modalidade, difundindo o voleibol na capital e estado. Noticiavam também viagens e excursões dos clubes e das seleções gaúchas para o interior do Rio Grande do Sul e para fora do estado e país. O Grêmio Náutico União (GNU) excursionou pelo estado fazendo amistosos; comparece a Santa Cruz do Sul para participar dos festejos de aniversário da Sociedade Ginástica de Santa Cruz do Sul, em setembro de 1954 (FOLHA DA TARDE, 1954) e a Novo Hamburgo.

O primeiro campeonato oficial organizado pela FGV foi o campeonato metropolitano de voleibol masculino em 1955, sendo campeão da cidade o Grêmio Náutico União que venceu por 2x1 (9x15, 15x10 e 16x14) o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense no jogo final. Ainda nesse ano, a seleção gaúcha juvenil masculina conquistou o quinto lugar no Campeonato Brasileiro de Seleções em Salvador. Em 1958 no Campeonato Sul Americano, sendo a equipe brasileira masculina campeã ao derrotar o Paraguai na final por 3 sets a 0, no dia 11 de novembro, sem perder um único set ao longo da disputa. Na década de 1960, o voleibol gaúcho já era conhecido e respeitado em todo o território Nacional e países vizinhos, chegando até a ocorrer partidas amistosas com equipes do estado de São Paulo, como Esporte Clube Pinheiros e *Club Atlético Bohemios*, do Uruguai, no ano de 1961.

#### 4. A FASE AMADORA DO VOLEIBOL NO RIO GRANDE DO SUL

Dando continuidade as atividades do voleibol no Rio Grande do Sul, a seleção gaúcha, ao contrário dos anos anteriores a 1970, quando a classificação em quarto e quinto lugares era tranqüila no Campeonato Brasileiro, desde esse ano que a representação do Estado não conquistava colocação melhor que sexto ou sétimo lugares. João Batista dos Santos, técnico da seleção, sem demonstrar otimismo, declarou no dia do embarque a Vitória – para disputa do Campeonato Brasileiro Juvenil de Voleibol, realizado de 3 a 13 de julho – que o trabalho ainda era de base, mas para o futuro a equipe estaria pronta e o Rio Grande do Sul voltaria às primeiras posições. “– Apesar da boa vontade de muitos jogadores, falta mais base, principalmente quanto ao posicionamento na quadra. [...] Mas em dois ou três anos, esta mesma equipe ainda será juvenil, e se continuar esse tipo de trabalho, garanto que os resultados serão bem diferentes” (FOLHA DA TARDE, 1973, p. 26).

A seguir a relação dos atletas e equipes que cederam seus jogadores a representar o Estado. Ricardo Rosa Fortes, Antônio Carlos Porto, Jorge Ruttkay Pereira (Gaúcho), Marco Antônio Lemanski, Günter Schwederski Neto, Régis Kreitchmann, Ricardo Menna Barreto Fellizolla (Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense), Nelson Menna Barreto Fellizolla, Renato Brum Marantes, Leonardo Brunet (Associação Anchieta), Aílson Arena dos Santos (SOGIPA), Jorge Augusto Schimidt (Novo Hamburgo) e Júlio Artur Keller (Ijuí).

É possível observar que no mesmo ano no qual o Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense retomou as atividades com o voleibol, a instituição cedeu quatro jogadores para a seleção, evidenciando a ainda forte relação com os times de futebol. Importante ressaltar também que três jogadores da Associação Anchieta serviram a seleção, e o Informativo Especial 50 anos Federação Gaúcha de Volley-

*Ball*, ressalta o trabalho que ao longo dos anos era desenvolvido na Educação Física Escolar e no Desporto Escolar, incentivando e desenvolvendo o voleibol, já que a Escola era a base da iniciação esportiva.

No dia 30 de dezembro de 1973, uma contradição entre dois treinadores da época, é noticiada pelo Jornal da Semana em Porto Alegre. O técnico da equipe masculina de voleibol da Associação Cristã de Moços, Isaac Ziegelmann, era um descrente no voleibol gaúcho, afirmando que quando acabasse seu time de adultos, no qual figuravam jogadores como Marco Antônio Volpi e Gérson Schuck, que já tinham chegado à seleção brasileira, o voleibol desapareceria em Porto Alegre.

Não acredito na sobrevivência do nosso vôlei. As nossas autoridades esportivas não dão o apoio financeiro necessário. Assim não é possível fazer esporte amador. Sem intercâmbio, nossos atletas não conseguem condições de aprender alguma coisa, por isso acho que o vôlei gaúcho vai terminar. Também não dou fé nessa mocidade, porque sem auxílio financeiro e jogadores de um mesmo nível, tudo vai por águas abaixo. Não quero dizer com isso que se deva pagar os jogadores, mas que é preciso dar um auxílio para transporte, alimentação, isso é importante, caso contrário nada se conseguirá (JORNAL DA SEMANA, 1973, p. 19).

Enquanto Isaac mostrava-se desiludido, o treinador da seleção gaúcha infanto-juvenil João Batista era todo otimismo e garantia que a garotada ainda daria muita alegria aos gaúchos. O treinador afirmou:

Não sei porque o Isaac pensa assim. A renovação em todos os setores de atividade humana é necessária. Esses jovens que estão treinando para o brasileiro têm grandes condições de substituir nossos craques de hoje. Por acaso eles não começaram como estes? O certo é cuidar bem desta garotada (JORNAL DA SEMANA, 1973, p. 19).

Apesar do técnico João Batista ter razão, e o voleibol do Rio Grande do Sul ter sido de imensa importância para a modalidade, com o surgimento de novos talentos, equipes e técnicos, o treinador Isaac Ziegelmann destaca em 1973 um

ponto importante que é a falta de apoio ao voleibol e a pouca quantidade de intercâmbio no esporte. Tal fato foi mostrado por Júnior (2004, p. 84), sobre o voleibol na década de 1970:

Concentra-se na ausência de intercâmbio e experiência internacional com equipes de alto nível. Essa lacuna era justificada pela posição geográfica do país em relação aos grandes centros esportivos mundiais. Porém, a deficiência não era gerada apenas pela dificuldade geográfica. O esporte amador nacional não dispunha de recursos para investimentos (JUNIOR, 2004, p. 84).

O treinador João Batista enfatizou a importância dos treinadores em assistir aos campeonatos mundiais e jogos internacionais. “- Para um melhor conhecimento técnico do voleibol, estivemos lá no Uruguai, assistindo ao Mundial. A gente aprendeu muita coisa. É muito bom que os treinadores assistam a um certame assim [ . . .]” (JORNAL DA SEMANA, 1973, p.19). Ele e Paulo Juchen – preparador físico da seleção gaúcha infanto-juvenil – estiveram, por conta própria, na 1ª edição da Copa Mundial de Voleibol Feminino Adulto realizado em Montevideu no Uruguai.

Podemos observar que para aperfeiçoar-se e qualificar-se mais, os profissionais do voleibol dependiam de seus próprios recursos, ficando escassas as oportunidades de novos conhecimentos, diminuindo a aceleração da evolução do esporte e conseqüentemente reduzindo a obtenção de resultados expressivos da modalidade.

Os últimos dias de 1973 também ficaram marcados pelos preparativos para o campeonato brasileiro infanto-juvenil que ocorreria no início do ano seguinte. Foi feita a convocação da seleção com 5 atletas do Grêmio *Foot Ball* Porto Alegre e 8 atletas da SOGIPA, que treinariam diariamente 2 horas pela manhã e mais 2 horas a noite. O pouco tempo de preparação até o começo do torneio e o ensinamento da técnica correta para os jogadores, principalmente os do Grêmio

*Foot Ball* Porto Alegre, era a maior dificuldade para o técnico João Batista. “- Estes atletas, com apenas 15 anos, acham que já sabem jogar vôleibol, e muitas vezes não aceitam o que ensino” (FOLHA DA MANHA, 1973, p. 31).

A comissão técnica tinha confiança na conquista do 5º lugar, e já apontavam quem seriam os quatro primeiros colocados: Guanabara, São Paulo, Minas e Pernambuco. A relação dos convocados para compor a seleção gaúcha era: Renan Dal Zotto, Ailson Arena, Antônio Crespo, Elcio Romero, Sommer, Tomas Kisslinger, João Antônio Kuhn, Luiz Felipe Tavares, Telmo Tadeu Fenger, Luís Gustavo, João Francisco, Elmar e Renato Rusczyk.

O ano de 1974 começou com dificuldades. Dois dias antes do embarque para Maceió para disputa do campeonato brasileiro infanto-juvenil de vôleibol, a seleção gaúcha foi informada de que as passagens, concedidas pelo CND – Conselho Nacional de Desportos – seriam reduzidas de 33 para apenas 26. O presidente da Federação Santos Rocha ainda tentou intervir junto ao Governo Estadual, mas não obteve êxito. Dessa forma, a delegação masculina e feminina ficou carente de alguns atletas e do também preparador físico da equipe masculina Paulo Juchen para o campeonato.

Outro fato marcante desse campeonato foi a primeira convocação de Renan Dal Zotto para a seleção gaúcha infanto-juvenil. Capitão da equipe e considerado como “meio time” pelo treinador João Batista, o atleta foi cortado dos jogos devido ao fato de ter apenas 13 anos (a CBV emitiu uma nota oficial cortando atletas que não tinham 14 anos completos 48 horas antes do embarque). Tal fato gerou indignação por parte da comissão técnica que bradou: “- Não sei explicar como foram alterar esse regulamento de última hora, criando um sério problema. [. . .] Por que esse negócio não foi feito um mês antes, dando chance que a gente

preparasse outros atletas?” (ZERO HORA, 1974, p. 43). Mas, ainda assim, Renan não ficou de fora, pois seu pai financiou a viagem, permitindo que seu filho aprendesse um pouco mais, porém na torcida, das arquibancadas. A partir da falta de passagens, o presidente Santos Rocha ilustrou dessa maneira a situação: “- Em outros estados, os atletas jogam para ganhar dinheiro e aqui eles pagam para jogar ...” (FOLHA DA TARDE, 1974, p. 22).

Terminado o campeonato brasileiro infanto-juvenil, e com a seleção gaúcha na 7ª colocação, o técnico João Batista conformou-se, e explicou o resultado em virtude de ter jogado com atletas muito jovens, que darão uma resposta satisfatória nos anos posteriores e que outras equipes como Guanabara, São Paulo e Minas Gerais estão mais avançadas. Já Feitosa, treinador da equipe de Guanabara, do Rio de Janeiro, campeã do torneio, cita como 2 os fatores mais positivos do voleibol carioca: o intercâmbio feito pela sua equipe e a revolução que o presidente Nuzman, da Federação Metropolitana, estava fazendo, dando um apoio total para qualquer seleção que é formada no Estado.

As dificuldades continuavam na seleção adulta masculina também, atingindo níveis alarmantes em alguns momentos. A crise iniciada em 1972 com demora na entrega das verbas pelo governo, seguindo com o fechamento do departamento amador do Grêmio Náutico União em 1973, deixando a ACM como o único participante forte, e culminou na suspensão dos treinamentos para as eliminatórias do campeonato brasileiro adulto, em Florianópolis, devido à falta de bolas para a prática. “Otávio Santos Rocha reuniu o pessoal e todos concordaram com a suspensão temporária, até o dia 5 de fevereiro. Eles esperam poder usar as 20 bolas que as seleções infanto juvenis levam para Maceió, depois de seu regresso” (FOLHA DA MANHA, 1974, p. 20).

O jornal Folha da Tarde (1974) mostrou que o voleibol amador passava por um momento delicado, e devido a essa situação a SOGIPA assinou a renovação de contrato com o técnico João Batista dos Santos prometendo apoio total ao voleibol em todos os departamentos, além de recursos financeiros para a compra de material. O técnico agradeceu ao convite para assumir o comando técnico do Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense, declarando-o um grande clube, porém a SOGIPA atendeu aos seus pedidos, e prosseguiria com o trabalho já iniciado.

Em novembro a SOGIPA começa a ter retorno com a manutenção do trabalho iniciado. Em uma partida com mais de 2 horas de duração, repleta de tensão e nervosismo a SOGIPA conquistou o primeiro turno do campeonato estadual juvenil com uma vitória de 3 x 2 (15x13, 10x15, 12x15, 15x12 e 16x14) sobre a Associação Anchieta.

A partida apresentou um bom nível técnico, com bastante equilíbrio de ambas as equipes, que possuem grande experiência de campeonatos brasileiros. A maioria dos jogadores da SOGIPA representou o Rio Grande do Sul no campeonato brasileiro disputado no mês de julho em Porto Alegre, enquanto a Associação Anchieta teve grande representação nos Jogos Estudantis Brasileiros, também em julho, em Campinas (FOLHA DA TARDE, 1974, p. 27)

Em dezembro aparece a recompensa da SOGIPA pelo trabalho feito ao longo do ano. Com ampla superioridade ao longo do torneio, o clube tornou-se campeão estadual juvenil de voleibol no ano de 1974, ao derrotar as equipes do Gaúcho por 3 x 0 (15x1, 15x2 e 15x6), Clube Rio-grandense por 3 x 0 (15x3, 15x1 e 15x11) e finalmente seu maior adversário, a Associação Anchieta, também pelo mesmo placar, 3 x 0 (15x9, 15x12 e 16x14). Em segundo lugar ficou a equipe da Associação Anchieta, seguido pelo Clube Rio-grandense, de Montenegro, e na quarta colocação o Gaúcho. Ao final, o técnico João Batista falou sobre seu time: “O

resultado esta aí, provando que com esforço e apoio, como nós temos recebido da SOGIPA, tudo é possível” (FOLHA DA TARDE, 1974, p. 28).

A SOGIPA teve em seu grupo campeão Ailson Arena, Alexandre, Cleiton, Elcio Romero, Gabriel, Hoffmann, Luis Gustavo, Martelet, Paulo Melo, Régis, Renan Dal Zotto, Renato, Sommer, Tomas Kisslinger e Ubiratan. Técnico João Batista. Já a Associação Anchieta foi vice-campeão com Ângelo, Bencke, Dirceu, Gustavo Júnior, Leonardo, Maciel, Marantes, Nelson, Pereira, Ricardo, Roberto e Vitor. Técnico: Oliveira.

O técnico campeão pela SOGIPA, João Batista dos Santos, atribuiu a conquista devido a 3 fatores: apoio recebido pela diretoria do clube, plano geral de treinamentos – já que pôs em prática os conhecimentos adquiridos nos campeonatos brasileiros e no curso para técnicos realizados naquele ano –, e o trabalho de equipe no departamento de voleibol, onde é necessário destacar o que técnico falou a Folha da Tarde (1974, p. 24):

É necessário fazer um elogio e ao mesmo tempo um agradecimento ao desempenho do nosso diretor de volibol Luís Radamés Dal Zotto, que nunca faltou a um treino e sempre estava pronto para qualquer colaboração. Como temos muitos atletas que moram longe do clube e os treinos terminavam muito tarde, Dal Zotto se prontificou diversas vezes em levá-los até em casa. Isso não é apenas uma colaboração para a equipe, mas também para o próprio atleta, que se sente prestigiado e valorizado (FOLHA DA TARDE, 1974, p. 24).

Nota-se a aproximação de dirigentes e atletas existentes no amadorismo do voleibol na qual os atletas eram levados por seus comandados as suas residências após os treinos. Isso resgata e fortifica que o voleibol não era apenas a busca por vitórias e resultados, mas também que da relação entre os profissionais surgiam o respeito, coleguismo, dedicação, amor ao esporte; formando um atleta e cidadão, que tinha no clube, uma família.

O ano de 1975 foi de extrema importância para o voleibol brasileiro, pois marcou a transição na forma de organização da modalidade no Brasil. Isso se deve não apenas, mas principalmente a Carlos Arthur Nuzman, que assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), com um discurso inovador de reciclagem e remodelação da gestão administrativa e implementação de estratégias de *marketing* no esporte. Seu projeto atingiu o apogeu quando ocorreu o surgimento de uma infra-estrutura esportiva que culminou com a profissionalização dos atletas, e servindo de modelo para outros esportes no país, que veremos como ocorreu a partir dos anos 80.

Esse ano, com relação ao Rio Grande do Sul, seguiu-se as dificuldades impostas pelo amadorismo e também pela falta de conscientização, conforme falou Renan Dal Zotto: “Infelizmente, nosso problema no Rio Grande do Sul é a falta de conscientização. Muitas vezes fico pensando no tempo que estamos desperdiçando [. . .]” (FOLHA DA TARDE, 1975, p. 33). Renan aproveitou para falar também que não costuma ficar emocionado quando lhe dizem que é um grande jogador e tem um grande futuro, pois têm a consciência do que é capaz e do que poderia ter feito a mais, para se sair melhor.

Características do amadorismo apareceram na convocação da seleção gaúcha adulta em março, para disputa da etapa final do XVIII Campeonato Brasileiro, quando o atleta Nelsinho, do Gaúcho, substituiu ao atleta Jorge, que preferiu disputar o campeonato sul-americano interclubes de punhobol, pela Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, na Argentina. No esporte amador era muito comum o mesmo atleta participar de diferentes modalidades esportivas.

Para este campeonato adulto, o treinador Paulo Juchen confiava que o Rio Grande do Sul faria uma boa apresentação no campeonato, mas sabia que ainda não poderia pensar em título.

É, nós ainda temos os paulistas e cariocas pela frente. Pernambuco também pode complicar. Estas equipes treinam há muito tempo e ninguém pode esconder que eles têm uma outra estrutura para jogar vólibol. O vólibol deles é muito mais desenvolvido do que o nosso (FOLHA DA TARDE, 1975, p. 39).

No final do campeonato realizado em Florianópolis, a seleção gaúcha formada por: Gérson, Vitor Hugo, Elmano, Nelsinho, Renan, Wilhelm, Souto, Filizola, João, Futuro e Cadinho terminou em sexto lugar, e como Paulo Juchen havia falado, a final da disputa ficou entre Guanabara e São Paulo.

Durante a disputa do campeonato brasileiro adulto em Florianópolis, foi lançado oficialmente no País o mini-vólibol. A iniciativa foi da Confederação Brasileira de Voleibol em convênio com o SESI nacional, no qual estava incluído no planejamento de Carlos Artur Nuzman, recentemente eleito presidente da CBV, que via no mini-vólibol uma maneira diferente de provocar o interesse deste esporte nas crianças. Uma comissão de sete pessoas da CBV (Valderbi Romani, Roberto Pimentel, Laércio Pinto, Paulo Laibruder, Hélio Silveira, Richard Nassif e José Carlos Brunoro) foi formada para colocar em prática a idéia. O principal objetivo era massificar o voleibol, partindo-se da idéia de que da quantidade tira-se a qualidade. Para o professor Romani a idéia básica era a popularização do esporte.

Com o mini-vólibol, as pessoas interessadas não encontram tantas dificuldades para aprendê-lo, pois a quadra é menor, a bola mais leve e o número de jogadores é reduzido de seis para três. Além disso, as crianças terão um desenvolvimento biológico mais acentuado. E qualquer pessoa que pratique o mini-vólibol poderá, depois de já tê-lo aprendido, passar a técnica do vólibol oficial. Este lançamento proporcionará, dentro de alguns anos, benefícios muito grandes ao vólibol nacional (FOLHA DA TARDE, 1975, p. 30).

Atualmente isso ocorre na rede escolar, e na própria Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na disciplina de Voleibol Fundamentos, no qual aprendemos o ensino dessa modalidade, para no futuro, se necessário, aplicarmos o mini-voleibol.

Dando continuidade ao Campeonato Gaúcho Juvenil de 1975, a SOGIPA derrotou a equipe da Associação Anchieta em surpreendentes 3 sets a 0 (15x6, 15x3 e 15x0), uma vez que todos esperavam cinco sets, como acontecia normalmente entre as duas equipes. Carioca, treinador da Associação Anchieta falou sobre a sua equipe: “Desde o início da partida, eles erraram muitas bolas e começaram a se perturbar. É preciso reconhecer que o time da SOGIPA esteve muito bem preparado, mas bem preparado mesmo” (FOLHA DA TARDE, 1975, p. 21). Com este resultado, a SOGIPA conquistou o primeiro turno.

Repetindo a superioridade mostrada no primeiro turno, a SOGIPA tornou-se bicampeã juvenil ao derrotar a Associação Anchieta por 3 sets a 1 (15x9, 7x15, 15x10 e 15x10). Diante de um grande público, fato marcante nas decisões do voleibol amador, no dia 4 de junho, no ginásio do Petrópole, a SOGIPA teve de superar os defeitos que surgiram por não treinar uma semana, fazendo uso da experiência de uma equipe que joga junto há dois anos. “A SOGIPA ganhou o campeonato com: Alexandre, Sommer, Gustavo, Renato, Guenter, Martelet, Renan, Ubiratan, Thomas, Hofmann, Régis e Ailson” (JORNAL HOJE, 1975, p. 33).

Em novembro, a SOGIPA mostrou mais uma vez toda a sua força e conquistou o título de campeã estadual da categoria infanto-juvenil. Os jogos decisivos do certame estadual foram realizados na cidade de Caxias do Sul, no ginásio Pedro Carneiro Pereira, como homenagem ao Biênio da Colonização e Imigração Italiana. Os resultados dos jogos foram os seguintes: Associação Anchieta

3 x 0 Ginástica de Novo Hamburgo (15x10, 15x8 e 15x8), SOGIPA 3 x 0 Styllo Clube de São Leopoldo (15x4, 15x2 e 15x3), Associação Anchieta 3 x 1 Styllo Clube de São Leopoldo (15x7, 5x15, 15x7 e 15x10), SOGIPA 3 x 0 Ginástica de Novo Hamburgo (15x3, 15x4 e 15x1), Ginástica de Novo Hamburgo 3 x 0 Styllo Clube de São Leopoldo (15x2, 15x8 e 15x1), SOGIPA 3 x 0 Associação Anchieta (15x6, 15x7 e 15x7). Dessa forma, a classificação geral terminou com a SOGIPA campeã, Associação Anchieta vice-campeã, a Ginástica de Novo Hamburgo em terceiro e o Styllo Clube de São Leopoldo em quarto lugar.

No final de semana seguinte, foi disputada as finais do campeonato estadual juvenil no mesmo local, o ginásio Pedro Carneiro Pereira em Caxias do Sul. Seguindo o campeonato infanto-juvenil, a SOGIPA treinada também pelo técnico João Batista tornou-se campeã, a Associação Anchieta vice-campeã, o Styllo Clube de São Leopoldo terminou na terceira colocação e a Ginástica de Novo Hamburgo em quarto lugar. Os campeões foram: Alexandre, Júnior, Gustavo, Mello, Guenther, Martelet, Renan, Claiton, Tomás, Ubiratan, Renato e Ailson.

Destaca-se o excelente trabalho feito pela SOGIPA, uma vez que muitos jogadores campeões na categoria infanto-juvenil também o fizeram no juvenil, demonstrando qualidade de jogadores e continuidade no trabalho a longo prazo com o grupo de atletas. Observamos também que nesse momento a supremacia das equipes de Porto Alegre sobre as outras era grande, com vitórias tranquilas e sets facilmente vencidos.

O ano de 1976 começou com a disputa do 13º Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil, realizado em Campinas, São Paulo. O Rio Grande do Sul após derrotar o Amazonas na rodada inaugural por 3 sets a 1, derrotou a equipe da Bahia pelo mesmo placar no ginásio do SESI, em Campinas, e deu mostras de que

poderia surpreender. “A Bahia continuou com o seu jogo sem muita criatividade e influenciada pela estatura elevada dos cortadores gaúchos, principalmente Renan (1,85), Régis (1,89) e Luís Renato (1,94)” (A GAZETA ESPORTIVA, 1976, p. 58).

Com essas duas vitórias o Rio Grande do Sul começou a ganhar destaque na mídia paulista, e mesmo não estando tão preparado para disputar o campeonato como deveria estar, era cotado para ficar entre os melhores colocados. Isso melhoraria o resultado final do Estado em relação ao ano anterior, quando a seleção não passou pelas eliminatórias. Para isso, o professor João Batista, que conhecia o time anterior, mas não era o técnico, assumiu essa posição. Segundo o técnico gaúcho, que tinha o auxílio de Napoleão Pereira de Melo na preparação física da equipe, o masculino não teve tanto tempo para os treinamentos. “- Como o campeonato gaúcho terminou somente no fim do ano, apenas a partir daí que pudemos iniciar os nossos preparativos para o Brasileiro, com treinos em todos os dias úteis da semana, com descanso sábado e domingo” (A GAZETA ESPORTIVA, 1976, p. 53).

O professor João Batista, que é formado em educação física pela Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul, desde 1966, com curso de especialização em voleibol, disse que muita coisa estava mudando na modalidade em seu estado:

No momento, quase todos estão conscientizados de que um trabalho profundo, sério, de base, deve ser feito por uma equipe e não apenas por um técnico, como se efetuava antigamente. Por isso, e com o apoio que estamos recebendo, tanto dos clubes como do governo, creio que o resultado do trabalho que se faz no voleibol gaúcho irá além das expectativas (A GAZETA ESPORTIVA, 1976, p. 61).

E foi nesse campeonato que Renan começou a assombrar a todos que presenciavam seus jogos. Quatro anos antes, era chamado pelo seu professor João

Batista – seu técnico atual na seleção – para treinar no Colégio Inácio Montanha. Naquela época Renan tinha 11 anos e sua única preocupação era ir ao estádio Olímpico assistir aos jogos de futebol do Grêmio *Foot Ball* Porto Alegre. Para Renan Dal Zotto era uma agradável novidade jogar e treinar voleibol.

O tempo passou e nesse ano encontrava-se enfrentando São Paulo, suado, respirando fundo, impressionando a todos com suas violentas cortadas, mantendo-se humilde, jamais reclamando dos companheiros, um jogador sensacional. Mas para Renan chegar a esse estágio treinou muito, se cuidou e nunca deixou de, diariamente, ir bater bola: “- Jogo no Sogipa, só não treino aos domingos, faço força para todos dias ir até a quadra – dizia após o jogo, cercado de jornalistas e torcedores” (DIARIO DO POVO, 1976, p. 47).

Para Nuzman, presidente da Confederação, falou: “há muito não se via um jogador de tanto potencial como este Renan” e para a maioria de outros técnicos, como Ênio Figueiredo do Rio de Janeiro, o “melhor disparado entre todos os jogadores”.

No entanto, nenhum destes elogios parecia importunar a cabeça tranqüila de Renan, que adorava seus companheiros de equipe e só falava em estudar engenharia. Percebe-se que o atleta da época, como Renan, não via o esporte como garantia para o futuro e sim um curso superior para o desenvolvimento profissional.

No jogo seguinte do campeonato, a seleção gaúcha perdeu para São Paulo, uma das potências do voleibol na época por 3 sets a 1. De qualquer forma não foi um jogo fácil, e conforme noticiado no jornal: “No encontro de fundo, entre as equipes masculinas, São Paulo teve que se empregar a fundo para derrotar o Rio Grande do Sul” (A GAZETA ESPORTIVA, 1976, p. 51). Mas terminado o jogo, as atenções todas se voltaram para Renan, conforme falou o atleta paulista Tuca: “-

Puxa vida, como é bom este número 7, sozinho ele quase ganha da gente. Fez nosso time correr para o bloqueio em todo o lugar” (DIARIO DO POVO, 1976, p. 44).

Durante o Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil, Mário Malta, vice-presidente de relações exteriores da CBV, concedeu entrevista ao jornal Correio Popular falando sobre a perspectiva do voleibol do Brasil nas Olimpíadas de Montreal. Num dos trechos, destacou:

Os nossos jogadores são profissionais liberais, isto é, exercem outras funções externas que não as do vôlei, e por isso não têm condições de treinar o ano inteiro como fazem as equipes de muitos países. Nossa equipe não é profissional, e é no tempo vago que os nossos atletas se dedicam ao vôlei (CORREIO POPULAR, 1976, p. 55).

Então, o amadorismo não era apenas no Rio Grande do Sul, expandia-se a São Paulo, Rio de Janeiro, enfim, a todos os atletas que representavam o Brasil nas Olimpíadas. E, dessa forma, era praticamente impossível a seleção brasileira obter resultados positivos frente as seleções européias e asiáticas.

No dia 8 de fevereiro chegou ao final o Campeonato Brasileiro de Voleibol Infanto-Juvenil, com o Rio Grande do Sul conquistando um excelente terceiro lugar na competição ao derrotar Minas Gerais. Tal resultado foi devido muito ao atleta Renan, que foi considerado o melhor jogador do torneio, por técnicos, dirigentes e até pelos jogadores das outras equipes. Nuzman, presidente da Confederação Brasileira destacou:

Faz muito tempo que não aparece um jogador com as qualidades do Renan. Ele é perfeito, tem um toque incrível, e uma técnica que o fará jogador da seleção brasileira por muitos anos. Jovem, ele tem uma longa carreira de títulos pela frente. O importante é que ele mantenha seu temperamento como agora, porque “máscara”, sempre traz grandes problemas. Mas tenho certeza que Renan não é

disso. Ele é além de tudo um autêntico (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 31). Os jogadores falaram sobre Renan no campeonato:

Ele sozinho nos deu o maior suador. Fazia-nos correr para todos os lados. Esse jogador em qualquer equipe que tenha pelo menos um bom levantador para ele, dificilmente perderá um jogo. Tem muita raça e é realmente fora de série. Se os gaúchos tivessem um levantador em condições ideais, teriam ficado com o título. Só por causa do Renan (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 31).

A classificação do campeonato terminou com São Paulo campeão, Guanabara vice-campeã, Rio Grande do Sul (figura 1) terceiro colocado, Minas Gerais em quarto, Bahia na quinta colocação, Amazonas em sexto, sétimo lugar para Pernambuco e oitavo lugar para Paraíba. João Batista (Rio Grande do Sul), ao lado de Décio Viotti (RJ) e Murilo Amazonas (Pernambuco) foram os técnicos de maior destaque.



Figura 1 - Seleção do Rio Grande do Sul no 13º Campeonato Brasileiro Infanto-Juvenil. Fonte: Jornal A Gazeta Esportiva, São Paulo, 5 fev. de 1976.

Com o expressivo resultado obtido pelo Rio Grande do Sul, o treinador João Batista teve reconhecimento. Seu trabalho foi considerado por todos os demais técnicos e dirigentes da competição como ideal, e a partir disso começaram a seguir seu exemplo e imitar o método gaúcho. O técnico revelou que seu trabalho funciona no seguinte sistema:

Tenho por base que hora de treinamento é hora de trabalho. Não é recreio e nem “peladinha” de vólibol. Procuo criar esta mentalidade nos atletas desde a escolinha. Depois, não adianta mais. Todos sabem quando se apresentam, que o bom fica no time; o mais ou menos cai fora, por isso encaram o treino com muita seriedade. Olha, com um garoto alto, novo e que goste muito de vólibol, é muito fácil aplicar os ensinamentos. Qualquer jogador nestas condições, se transforma num excelente atleta, desde que o plano seja aplicado rigorosamente (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 42).

Outro fator destacado pelo técnico para o sucesso da equipe foi a delimitação do trabalho para cada profissional da modalidade.

Pela primeira vez vi funcionar um trabalho de equipe perfeito. Havia quatro funções diferentes: coordenador ou supervisor; assistente técnico; técnico; massagista e médico. Cada um trabalhou no seu campo. Um não invadia o setor do outro. O massagista e o médico trabalhavam diariamente até duas ou três horas da manhã, massageando os atletas. Gastaram perto de 1,5 mil cruzeiros em remédios. Eu, por exemplo, terminado o jogo, não tinha mais nada que ver com a equipe. Assim está certo. Só que nunca funcionava (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 42).

Tal revelação contrasta com outros campeonatos disputados anteriormente, no qual o técnico, muitas vezes tinha de desempenhar além da sua função, a de massagista e preparador físico também. Delegações e dirigentes começam a valorizar o trabalho de cada profissional, tendo resultados positivos como retorno.

Em abril desse ano, a SOGIPA resolveu lançar o mini-vólibol na sede do clube, pois a média de 15 pessoas procuravam semanalmente uma vaga para jogar

no clube, porém com idades de 15 e 16 anos, um pouco tarde por causa da idade e principalmente com o objetivo de expandir o voleibol no estado, o clube resolveu aderir a novidade. Radamés Dal Zotto, diretor geral do departamento de voleibol da SOGIPA explicou ao jornal Folha da Tarde:

Nosso objetivo maior é expandir ao máximo o volibol no nosso Estado. Faremos o trabalho em duas etapas. A primeira será somente para garotos e a segunda, na metade desse ano, será também para meninas. Formamos uma boa equipe que dará todo atendimento necessário aos que nos procurarem (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 42).

No mês de junho teve início a convocação dos atletas que representariam o Estado no campeonato Sul-Brasileiro juvenil em dezembro. Folha da Tarde (1976) publicou em suas páginas que em reunião com dirigentes, comissão técnica e jogadores, sobre o campeonato, foi acordado que no desenvolvimento do plano de trabalho juntamente ao técnico João Batista dos Santos estaria o professor Marco Antônio Volpi. Porém, a principal notícia dada aos jogadores no encontro, por Radamés Dal Zotto e confirmada por Arno Raupp, seria que a Federação ressarciria as despesas dos jogadores com o deslocamento de suas cidades para Porto Alegre nos dias de treino.

Tal fato é o mínimo que os atletas deveriam ter para participar dos treinamentos, uma vez que não recebiam salários através do esporte, porém em inúmeros casos os próprios jogadores tinham que tirar do próprio bolso os gastos em deslocamentos, alimentação e hospedagens no voleibol amador.

Quando os atletas não tinham nenhuma condição, o próprio técnico dava um jeito, como se comprova na declaração emocionada feita pelo medalhista olímpico Paulo André Jukoski – Paulão, ex-atleta de voleibol que chegou a atuar pelo Sulbrasileiro, a seu descobridor no esporte, o técnico João Batista:

na época a gente não tinha grana e falava para ele que não dava para continuar, porque a gente não tinha condições, não tinha condições de pagar passagem de Gravataí para cá, e ele escondidinho tirava cinco cruzeiros e me dava no bolso para comer um cachorro-quente e pagar a passagem, era a salvação porque não tinha condição [ . . . ] (DESCOBRIDOR DE TALENTOS. RBS Esporte. 2007).

O dia 16 de junho ficou marcado por um fato inusitado e curioso em Porto Alegre. Na véspera da partida entre SOGIPA e Gaúcho, que marcava o início do retorno do campeonato citadino de voleibol adulto, por razões não esclarecidas, os atletas Nelsinho e Coquinho receberam ameaças anônimas fazendo referência a partida que seria disputada. Coquinho recebeu três telefonemas semelhantes: “amanhã, além de vocês perderem a partida, não vão sair bem de lá”. Para Nelsinho a ameaça foi mais expressiva e fazia referência ao jogo entre a SOGIPA e ACM (jogo no qual a SOGIPA foi derrotada): um bilhete deixado na porta de seu apartamento acusava: “Nós te vimos na torcida da ACM torcendo contra a gente. Isso não vai ficar assim. Espera até amanhã”. Mas Nelsinho apressou-se em explicar-se:

O problema foi que a equipe estava no ginásio para treinar e como o nosso tempo terminou um pouco mais tarde, aproveitamos a situação para assistir ao jogo entre os nossos mais ferrenhos adversários. Como na partida anterior fomos vencidos pela Sogipa, é natural que o Gaúcho torcesse pela ACM, mas sem nenhuma intenção de animosidade ou para criar confusão. O que aconteceu foi contingência da situação e para nossa alegria a vitória da ACM deixou todo mundo em igualdade de pontos para o segundo turno (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 46).

Dessa forma, o jogo que seria disputado no dia seguinte era muito aguardado, e a equipe que perdesse estaria praticamente fora das finais. Na presença de um bom público no ginásio do Gaúcho, a SOGIPA derrotou o próprio Gaúcho por 3 sets a 1 (13x15, 16x14, 15x3 e 15x11). Na preliminar, a ACM derrotou o Glória por 3 sets a 0 (15x3, 15x4 e 15x5). Para Gérson, técnico e principal jogador

da equipe, o maior problema enfrentado é o fato de somente haver alguns adultos na equipe, tendo que usar juvenis que ainda não tinham grande experiência e tarimba. De acordo com Folha da Tarde (1976) apesar da expectativa que reinava em virtude das ameaças recebidas por jogadores do Gaúcho, a partida transcorreu normalmente.

Dando continuidade ao cidadão adulto, a ACM derrotou o Gaúcho por 3 sets a 1 (15x6, 3x15, 15x6 e 15x11) na segunda rodada do retorno e continuou na liderança junto a SOGIPA. O treinador Isaac, da ACM, falou “que a equipe ainda não está rendendo o suficiente, em virtude de diversos problemas que devem ser resolvidos. Até o jogo contra a SOGIPA, dia seis de julho, esperamos consertar tudo” (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 36).

Paralelo ao campeonato cidadão adulto ocorria o campeonato da categoria infanto-juvenil, e a SOGIPA sagrou-se tetracampeã ao derrotar a equipe da Associação Anchieta por 3 sets a 0 (15x10, 15x2 e 15x6). Para o diretor de voleibol da SOGIPA, Radamés Dal Zotto, a vitória significou muito mais do que uma simples partida de campeonato:

Muito mais porque representa o coroamento de todo um trabalho desenvolvido ao longo de anos de treinamento com a garotada. Mas o principal motivo de nossa alegria se deve ao fato de que ontem todos os nossos jogadores em quadra eram ex-atletas da nossa escolinha. Todos eles, sem exceção, começaram a aprender o que era volibol lá dentro da Sogipa (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 41).

Folha da Tarde (1976) publicou o comentário feito por Nuzman a respeito das novas regras da modalidade. Voleibol jogado por tempo, não considerar toque a bola bloqueada na rede (após o bloqueio será permitido mais três toques) e a diminuição do campo de jogo com a colocação da antena em cima da faixa da rede, são alterações que serão testadas a partir de janeiro do próximo ano. Sobre a

participação do Brasil nas Olimpíadas em Montreal o dirigente voltou convencido de que “se não mudar a formação e orientação esportiva do país, os brasileiros repetirão, em Moscou, a mesma atuação de Montreal e os títulos e medalhas em competições importantes, serão cada vez mais difíceis”.

Folha da Tarde (1976) registrou o fim da espera de 10 anos da SOGIPA, na qual derrotou a equipe da ACM por 3 sets a 1 (13x15, 15x7, 15x10 e 15x7) e sagrou-se campeã citadina de voleibol adulto. Treinando em função do jogo decisivo, Gérson, treinador e jogador da SOGIPA, disse que a equipe estava bem preparada para o esquema que Isaac (treinador da ACM) havia preparado.

Em comemoração aos 50 anos de fundação do Departamento de Voleibol da SOGIPA, o clube patrocinou a vinda do clube Pinheiros de São Paulo (uma das maiores potências da época), e convidou a equipe masculina adulto do Stylo Clube de São Leopoldo, juntamente com a seleção gaúcha juvenil para as festividades dessa data durante o mês de agosto. O clube Pinheiros viajou com seus titulares, destacando-se Marcelo Pimenta (ex-seleção brasileira), José Jaquetti (vice-campeão brasileiro juvenil), Silvio Avancini (campeão brasileiro), Fúlvio Danillas (vice-campeão brasileiro) e Jaime Paiva Júnior (campeão juvenil brasileiro).

Prosseguindo com o campeonato citadino juvenil, na decisão do primeiro turno entre os eternos rivais SOGIPA e Associação Anchieta, a equipe do técnico João Batista levou a melhor e derrotou seu adversário por 3 sets a 1 (15x9, 12x15, 15x9 e 15x13). Segundo jornal Zero Hora (1976) o público quase lotou o ginásio da Associação Anchieta, e ao final da partida João Batista elogiou a equipe adversária, dizendo que a Associação Anchieta está sendo muito bem preparada por Paulo Roberto, o “Carioca” e tem valores Fernando Oliva e Ricardo Bins, entre outros. “Estes dois, principalmente, foram indigestos para nós”, disse João Batista sorrindo.

No dia 2 de novembro o jornal Zero Hora (1976) publicou uma reportagem sobre a vida de Nilton Melo, 16 anos, gaúcho de Bagé que tinha como objetivo subir na vida através do voleibol. Ele saía de sua casa todas as sextas-feiras às 13 horas, percorria de ônibus os mais de 350 quilômetros entre Bagé e Porto Alegre, desembarcava às 18 horas e 30 minutos na SOGIPA para depois de um árduo treino de duas horas com a equipe de voleibol voltar a rodoviária e pegar o ônibus das 24 horas e 30 minutos, de volta para casa. Nilton tinha como objetivo chegar à seleção brasileira de voleibol, e para isso treinava todos os dias da semana no colégio, e nas sextas-feiras com a seleção gaúcha. O estímulo e a força de vontade surpreendia a todos, e ele falava: “Encontrei no vôlei tudo. Tenho até status em Bagé. Todo mundo me trata bem por causa do vôlei”. E destacou: “o principal é que todos gostam de mim. Eu deixaria tudo pelo vôlei.”

Nesse momento vê-se que além de todo preparo físico que o esporte proporciona a pessoa, também desenvolve a formação pessoal e a socialização. Nilton encontrou no esporte o reconhecimento e uma maneira de ter contato com as pessoas.

Nilton era uma exceção frente a seus companheiros, pois ao contrário de muitos, que conviviam no difícil e quase sempre ingrato amadorismo, desgastando-se em equilibrar esporte, estudo e trabalho, o esforçado – mas despreocupado – bageense afirmava com tranquilidade: - Sempre sobra um tempinho para pegar nos livros. Depois que eu chegar à seleção brasileira, aí sim talvez de para pensar com mais calma numa faculdade, no vestibular.

Abaixo segue uma charge publicada no jornal Zero Hora feita pelo cartunista Rekern, retratando a rotina de Nilton, segurando uma bola de futebol, o esporte mais popular do país.

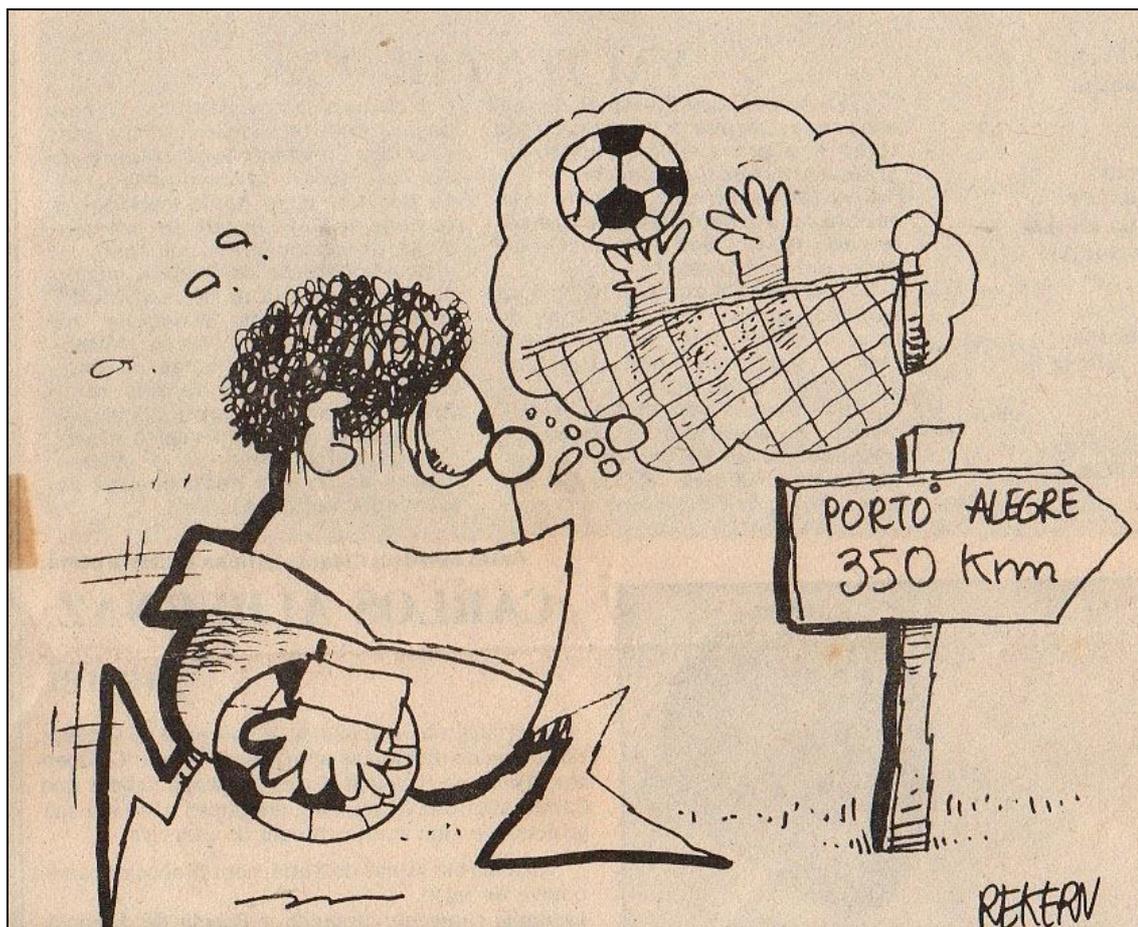


Figura 2 - Rotina do Bageense Nilton as sextas-feiras. Fonte: Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 2 nov. de 1976.

No final de semana do dia 11 de novembro foi disputado o campeonato citadino juvenil no ginásio da SOGIPA, e com um bom número de público, principalmente associados do clube, a SOGIPA sagrou-se tricampeã juvenil. Na final, enfrentou a rival Associação Anchieta e a derrotou por 3 sets a 0 (15x9, 15x13 e 15x10). A SOGIPA jogou com: Renan, Martelet, Ailson, Renato, Gabriel, Thomas, Mello, Gustavo, Daniel, Triches, Sérgio e Nilton. Técnico: Batista. A Associação Anchieta atuou com: Living, Leandro, Gustavo, Daudt, Roberto, Costa, Nelson, Ângelo, Roberto, Oliva e Marantes. Técnico: Carioca.

No final de semana seguinte foi disputado o campeonato estadual adulto também no ginásio da SOGIPA. Houve uma grande disputa pelas primeiras posições, e a SOGIPA confirmou a sua grande fase atual e depois de 32 anos conquistou esse título, num campeonato no qual foi marcado emocionalmente pelo falecimento de um dos seus jogadores mais expressivos: Elmano Leal. Na final em um jogo dramático venceu a Ginástica de Novo Hamburgo por 3 sets a 2 (15x5, 15x11, 11x15, 7x15 e 15x11). Na última partida do campeonato, Gerson fez questão de jogar com a camisa 4, a camisa de Elmano. “Eu já vinha acompanhando ele há muito tempo, tínhamos uma grande amizade. Além disso, no início nós viemos juntos para a Sogipa e grande parte deste trabalho que realizamos com sucesso se deve a ele, por isso considero uma grande responsabilidade vestir a camisa 4. É uma homenagem à Rose (esposa) e aos dois filhos do Elmano.” A SOGIPA jogou com: Mário Carlos Alberto, Gustavo, Gérson, Daniel, Martelet, Renan, Thomas, José Luís, Ricardo, Renato e Ailson. Técnico: Gérson Schuck. A Ginástica de Novo Hamburgo teve: Marcelo, Antônio, Walter, Berbegier, Nelson, Marco Antônio, João Carlos, Jorge, Mauro, Vitor Hugo, Sérgio, e Régis. Técnico: Cláudio Behrend. A classificação final do estadual ficou assim: SOGIPA campeã, Ginástica de Novo Hamburgo vice-campeã, Clube Rio-grandense de Montenegro em terceiro e a ACM em quarto lugar.

No final de semana do dia 27 de novembro foi disputado o estadual na categoria juvenil no ginásio Taninão, nome carinhoso dado e construído pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Mecânica de Montenegro. Para o prefeito Roberto Atayde Cardona (ARENA), o “vôli é o esporte preferido da população, que participa ativamente tornando-o interessante e entusiástico, e ao mesmo tempo é muito importante esta preocupação da Federação em oportunizar

ao interior do Estado, uma igualdade de níveis ao se realizarem competições como Montenegro e SOGIPA, uma equipe da capital”. A opinião do presidente da Federação Gaúcha de Voleibol, René Resende ao final da competição:

O país precisa formar ídolos no esporte amador, que deverá se tornar de alto nível. Assim como temos um Fittipaldi no automobilismo, um Pelé no futebol, um Nelson Prudêncio no atletismo, precisamos ter ídolos para incentivar a juventude que se interessa por natação, vôlei e basquete, para que consigamos elevar o nível de cultura dessa juventude. Poucos recursos temos, mas neste ano a Federação conseguiu realizar 685 jogos nas categorias infantil, infanto-juvenil, juvenil, adulto e veteranos, nos sexos masculino e feminino. Grandes potências se destacam, e isto já é muito importante dentro das condições que nos apresentam (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 54).

Dentro de quadra a SOGIPA mostrou mais uma vez sua hegemonia de títulos ao conquistar o tricampeonato estadual juvenil. Com campanha invicta, derrotou o time local na final por 3 sets a 0, que acabou com a segunda colocação. A SOGIPA teve em sua formação: Renan, Ailson, Martelet, Tomas, Renato, Gabriel, Nilton, Melo, José, Gustavo, Sérgio, Trichez e Daniel. Técnico: João Batista dos Santos. Já a equipe vice-campeã jogou com: Dirceu, Tadeu, Túlio, Fred, Beto e Fernando. Técnico: Cylon Orth.

Já no final do ano, Jorge Bittencourt, técnico da seleção brasileira juvenil masculina, concedeu entrevista que foi publicada pelo jornal Folha da Tarde (1976).

O Rio Grande do Sul poderia estar entre os melhores do país, já que material humano não falta. Porém essa renovação que está havendo é muito importante. Os gaúchos convocados, por exemplo, além da boa estatura e técnica que possuem, levam o vôlei muito a sério. Mas esse trabalho só irá dar frutos plenamente daqui uns dois anos. Os outros grandes centros, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, conseguem manter um alto nível porque estão em constante intercâmbio de técnicas e conhecimentos (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 48).

E concluiu:

Nunca o vôlei brasileiro teve tanto apoio como agora. A Confederação Brasileira de Voleibol, através de seu presidente, Carlos Nuzman, tem-nos dado um grande apoio. Primeiro, sendo um ex-jogador, ele conhece os problemas que o vôlei enfrenta no Brasil; segundo, só dá apoio quem recebe. E o governo nos tem ajudado bastante. O que falta é um plano de continuidade para o voleibol no Brasil. Aqui, se treina para um campeonato e depois da disputa não há seguimento do trabalho iniciado (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 48).

O final de ano foi de satisfação e a sensação do dever cumprido para a SOGIPA. No jornal Folha da Tarde (1976), João Batista dos Santos analisou o ano de 1976 da SOGIPA, no qual em oito campeonatos disputados, o clube conquistou todos eles, tendo ao final do ano, uma histórica marca de 35 vitórias em 36 partidas disputadas. O treinador remete a vários fatores tal triunfo, mas destaca como muito importante a mentalidade dos jogadores do clube e também ao plano elaborado desde o ano de 1973, quando chegou para começar a vida no voleibol masculino da SOGIPA.

Nos últimos dias do ano Renê Resende Silveira, presidente da Federação Rio-Grandense de Voleibol, também falou sobre a situação do voleibol gaúcho:

Conseguir lotar o ginásio da Sogipa, aumentar o número de inscritos de sete para 32 filiados, ter a participação de 1.113 atletas em competições oficiais, manter uma folha de pagamento para 36 árbitros em torno de Cr\$ 10.000,00 mensais, são alguns dos indícios de que o voleibol está numa fase de mais motivação no Estado. Além disso, o voleibol conseguiu atingir no estágio de segundo esporte brasileiro em popularidade, tanto no meio do povo como na área oficial, pelo bom nível das competições (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 55).

Para Renê, a renovação do voleibol brasileiro começou com a gestão de Carlos Artur Nuzman, advogado e ex-jogador de voleibol, que conhecia a fundo os problemas desse esporte e implantou uma nova administração na Confederação Brasileira de Voleibol. Renê Resende comprova a boa fase do voleibol brasileiro:

O Brasil sagrou-se tricampeão Juvenil Sul-Americano, tanto no masculino como no feminino. No setor adulto estamos com as melhores equipes adultas no setor masculino. Em termos Pan-Americano estamos em segundo lugar, logo após Cuba. O nosso vôlei masculino está entre os dez melhores do mundo. O vôlei gaúcho está entre os três melhores no setor infanto-juvenil, e entre os cinco melhores Estados do Brasil, no setor adulto (FOLHA DA TARDE, 1976, p. 55).

Uma das soluções para um maior crescimento do voleibol seria, conforme indica Renê, o apoio da imprensa, a criação de ídolos que sirvam de motivação, a contratação de renomados técnicos estrangeiros para preparar as equipes nacionais. Outra preocupação da Federação era incentivar o voleibol do interior do Estado, onde ele tem muita força e pode fornecer elementos para seleções.

Renê Rezende ainda deu uma sugestão para um melhor desenvolvimento dos esportes amadores: “o Estado deveria ceder professores oriundos das 10 escolas de educação física do Estado para que acompanhassem nas escolas, as crianças de seis a sete anos na prática dos esportes. Uma criança nesta faixa de idade já não mais quer brincar de roda, porque ela está bastante bem informada pelos meios de comunicação sobre os esportes. Pelo número de escolas de educação física que temos esta solução é viável”.

O ano de 1977 iniciou com a mobilização dos quatro gaúchos convocados para a seleção brasileira se apresentarem no Rio de Janeiro: Tadeu, do Clube Rio-grandense, Renan, Aílson e Renato, da SOGIPA. Fato curioso foi o atraso desse último atleta em apresentar-se uma vez que estava preparando-se para prestar vestibular. Renan (figura 3) falou da importância de estar junto à seleção nacional e também sobre o dom natural e a força de vontade para praticar a modalidade:

Como eu comecei a jogar com 15 anos, eu senti todas as dificuldades de quem começa tarde. Não tinha a mínima noção de vôlei; era todo desajeitado. O meu apelido lá na Sogipa, por isso, era “kung bó”, ou seja, a força do Kung-fu e a inteligência do Pedro Bó.

Mas como eu tinha muita força de vontade, eu consegui aprender alguma coisa. No início eu queria provar a mim mesmo que eu podia conseguir; depois, eu acabei gostando (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 47).

O incrível nessa convocação foi o fato de o jogador Renan ter apenas 16 anos, e ingressar na seleção adulta de seu país. “- Sexta-feira vieram me comunicar que eu tinha sido convocado para a seleção de adultos que irá disputar o Sul-Americano no Peru. Pensei que era uma brincadeira, e até agora eu me pergunto se é verdade ou não” (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 47).

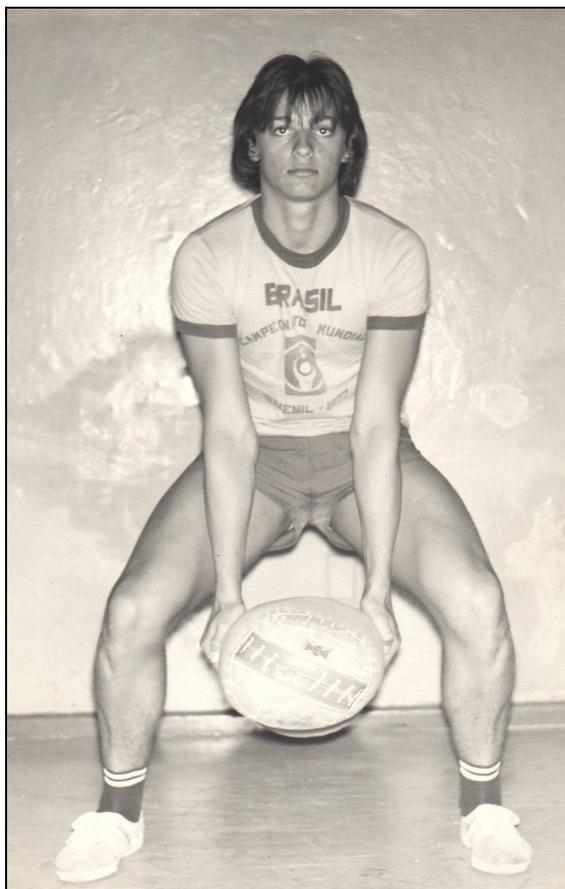


Figura 3 - Renan durante treinamento como preparação para o Mundial Juvenil de Voleibol. Fonte: Arquivo pessoal João Batista dos Santos.

De acordo com o jornal Zero Hora (1977), no Rio de Janeiro um dos problemas enfrentados por Renan foi o constante assédio de clubes cariocas e paulistas na sua contratação. O Fluminense ofereceu apenas uma pequena ajuda de custo e treinamento, enquanto que o Paulistano prometeu um apartamento e bolsa de estudos em qualquer colégio de São Paulo. Apesar de o jornal dizer que seria provável que o atleta deixasse o Rio Grande do Sul para atuar nos grandes centros, isso foi descartado pelo jogador naquele momento.

Em março, após ajudar o Brasil a conquistar o 10º título de campeão sul-americano adulto, Renan começou a ter de conciliar estudo com a carreira esportiva, algo comum no voleibol amador. “– Não penso que vai haver problemas quanto aos meus estudos. O próprio ministro da Educação e Cultura tratou da transferência de colégio. E depois haverão facilidades para os convocados pois durante o mundial teremos que concentrar”. Já o pai de Renan, Radamés Dal Zotto disse que se houvesse qualquer problema com os estudos ele largaria a seleção: “- Não acredito que surjam problemas. Tudo está resolvido, mas se houver qualquer coisa, o garoto volta a Porto Alegre para continuar aqui os estudos” (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 44).

O jornal Zero Hora (1977), revelou que apesar da pouca idade, 16 anos, Renan tinha uma visão realista sobre o futuro do atleta no esporte:

O brasileiro tem que se preocupar com o estudo e o trabalho. O vôlei não dá futuro, o jogador termina sua carreira aos 22 anos porque precisa manter-se ou manter sua família. Mesmo como técnico não daria, já que é necessário um diploma de Educação Física e eu pretendo fazer Engenharia Mecânica. Vou jogar até onde der, por enquanto a minha vida particular não prejudicou o vôlei, nem vice-versa. Além do mais, existem apenas três fases de aprendizado neste esporte: o início, de 14 a 15 anos; o jogo, que vai dos 16 aos 22; e a enrotação em que o atleta vive da fama que conseguiu (ZERO HORA, 1977, p. 62).

A constante preocupação com os estudos era comum no amadorismo, afinal o esporte era praticado mais pela vontade e amor, do que com aspirações a grandes fortunas em dinheiro. Outro fator destacado pelo jogador é a idade de início no esporte, diferente do que é hoje, no qual os futuros atletas iniciam muitas vezes antes dos 10 anos, e também a idade do fim de carreira, ocorrendo depois dos 30 anos, ao contrário de como era nos anos 1970.

Tal aspecto é realçado por Júlio Volpi em entrevista, falando na diferença do voleibol de antigamente para o atual:

Talvez seja interessante colocar o seguinte: quem conhece hoje o voleibol, quem vê o voleibol hoje, não há comparação com o voleibol que era antigamente. Antigamente não tinha pagamento nenhum, era tudo amadorista mesmo. Nós, no União, treinávamos – o que era considerado bastante naquela época – três vezes por semana. E todo mundo era estudante ou trabalhava, quer dizer: tu chegavas a um determinado momento, tu tinhas que cuidar da tua vida. Então, as atividades... Não é como hoje que o voleibol, como os outros esportes, são profissionais, é atividade permanente. [. . .] Afinal tem que se procurar o sustento. Isso era o que tirava muita gente do esporte, porque não tinha, não era pago, não tinha pagamento nenhum (VOLPI, 2002, p. 9).

Depois de um início de ano com as maiores atenções do voleibol gaúcho voltadas para a seleção brasileira de voleibol, no final do mês de março os clubes iniciaram com maior atividade seus trabalhos para o ano de 1977.

Zero Hora (1977) noticiou a reabertura do departamento de voleibol do Grêmio Náutico União depois de quatro anos fechado e sem participar das competições. A iniciativa foi tomada por Coquinho e Cadinho, atletas que defendiam o Gaúcho. – Nós estamos há muito tempo dentro do clube que tem todas as condições e a tradição de ter o melhor voleibol do estado. Falamos com Danti Gnoato, vice-presidente de esportes e Gildo William, presidente do Conselho Deliberativo que nos estimularam. Como sabemos que a SOGIPA está com uma

equipe muito boa, com cinco atletas na seleção brasileira juvenil e um na de adultos, montamos um time para ganhar o Campeonato Estadual este ano e o Nacional no ano que vem. O técnico da equipe era Júlio César Volpi, campeão brasileiro e terceiro colocado na Universíade de 1962.

No final de abril teve início o campeonato estadual de voleibol, no qual no jogo de abertura, a SOGIPA, atuando em seu ginásio, derrotou a estreante Associação de Vôlei de Santa Maria por 3 x 0 (15x4, 15x8 e 15x11). Segundo Zero Hora (1977), em outro jogo da rodada, no ginásio de esportes do Gondoleiros, a Agremiação Pelotense derrotou o Glória por 3 sets a 1 (12x15, 15x9, 15x10 e 15x6).

No meio do ano foi muito noticiado o curso internacional que seria dado aos treinadores de voleibol. O curso seria realizado em setembro, durante o Campeonato Mundial de Voleibol Juvenil, no Rio de Janeiro, promovido pela CBV, tendo professores norte-americanos, europeus, como o professor Josef Vojik, e asiáticos, como Yasutaka Matsudaira e Hiroshi Toyoda. Em entrevista ao jornal Folha da Manhã, Joaquim Inácio Cardoso Filho, assessor da CBV e responsável na aplicação do teste para seleção dos treinadores a participar do curso, explicou qual o resultado imediato esperado no voleibol brasileiro: “- Nosso vôlei sofre de um grande mal que é a falta de intercâmbio. Não podemos evoluir, conhecer novas táticas sem antes saber como anda o vôlei em outros países. O que se espera de mais imediato está na assimilação dos métodos asiático e europeu e o trabalho consciente das novas táticas em suas equipes”.

Para tentar um lugar entre os participantes do curso, foram selecionados para fazerem as provas: Luiz Delmar Lima, do Rio Branco de Cachoeira do Sul, Cylon Renato Orth, do Clube Rio-grandense, de Montenegro, Claudio Behrend, da Ginástica de Novo Hamburgo, João Batista, da SOGIPA, Modesto Caetano, da

SOGIPA, Francisco Juchen, do Gaúcho e Pedro Bamgarten, do Recreio da Juventude de Caxias.

Apesar de todos os técnicos listados acima terem sido aprovados, apenas Luis Delmar Lima e João Batista dos Santos conseguiram classificação entre os 25 participantes do Brasil. Os outros gaúchos ficaram na espera de alguma desistência, uma vez que a possibilidade era grande devido ao preço do curso ser de Cr\$ 7 mil (500 dólares), pois a CBV não havia garantido o auxílio prometido durante os testes. De acordo com o Jornal Folha da Manhã (1977), o presidente da Federação Gaúcha de Voleibol, Renê Silveira, obteve junto ao Estado as passagens de ônibus para o deslocamento.

Ao final do curso, nenhuma reprovação dentre os 45 participantes, fato inédito desde sua criação. Os professores destacaram o alto nível técnico apresentado pelo grupo de treinadores, demonstrando o interesse, paciência e perseverança do grupo. Para Célio Cordeiro, coordenador do curso a “troca de informações propiciadas no grupo foi decisiva para os técnicos brasileiros, na troca de métodos e experiências novas já comprovadas com resultados”.

Dando continuidade ao campeonato estadual, no dia 14 de outubro a SOGIPA derrotou, em seu ginásio, ao Gaúcho por 3 sets a 0, com um surpreendente 15x0 no primeiro set, seguidos de 15x12 e 15x9. Segundo o jornal Folha da Tarde (1977) o técnico da SOGIPA, João Batista, não esperava o resultado com facilidade, e revelou que o clube pretendia aumentar sua força no ano seguinte, quando seriam introduzidas na equipe algumas modificações aprendidas por ele no curso de técnicos estrangeiros.

Na semana seguinte, em nova rodada pelo estadual, a SOGIPA continuou invicta naquele ano frente ao Grêmio Náutico União, ao vencê-lo por 3x0 (15x6, 15x13 e 15x10).

Depois de uma semana tumultuada na qual houve muitas discussões nos bastidores sobre a participação ou não da SOGIPA na rodada do estadual adulto do dia 12 de novembro, ela ocorreu e o clube de Porto Alegre venceu seu jogo. O jornal Folha da Tarde (1977) noticiou a tentativa de adiamento do jogo pela SOGIPA junto a Federação, mas a CBV respondeu por fonograma: “Conforme solicitação por telefone informo que não existiu nenhuma deliberação da CBV a respeito da suspensão do campeonato devido a convocação de atleta”. Mesmo sem a participação de Renan, motivo de toda a insistência do clube em adiar a partida, a SOGIPA derrotou a equipe da Ginástica de Novo Hamburgo por 3 sets a 2 (15x11, 12x15, 14x16, 15x2, 17x15), em jogo emocionante e com a presença de um ótimo clube no ginásio da SOGIPA. A SOGIPA jogou com Sérgio, Carlos Alberto, Gustavo, Paulo Melo, Nilton, Daniel, Hugo, Gabriel, Tomaz, Gérson, Renato e Carlos Ricardo. Técnico: João Batista. A Ginástica de Novo Hamburgo atuou com Schmeling, Elmar, Henrique, Berbigier, Pschichozz, Geist, João, Jorge, Mauro, Hugo, Cristiano e Régis. Técnico Cláudio. No início da tarde desse mesmo dia, o Grêmio Náutico União passou pela Associação Santa Maria, conseguindo sua primeira vitória, com o escore de três sets a zero. Segundo o jornal Zero Hora (1977), depois de encerrada essa rodada, a SOGIPA estava em primeiro lugar, invicta, seguida da Ginástica de Novo Hamburgo em segundo, com Grêmio Náutico União, Gaúcho e Associação Santa Maria empatados na terceira colocação.

No final de semana do dia 21 de novembro prosseguiu-se com o estadual e a SOGIPA derrotou ao Grêmio Náutico União por três sets a um (15x12, 15x9,

12x15 e 16x14), num jogo repleto de reclamações. Conforme publicado pelo jornal Folha da Tarde (1977), o técnico Júlio Volpi não se conformou com a derrota e bradou: “Nós perdemos por causa da arbitragem. Espero que o presidente da FGV, que esteve assistindo a partida, tome providências. Um árbitro pode errar, mas para os dois lados, e não apenas contra minha equipe”. Carlos Loretto, o tão criticado árbitro, fez constar na súmula os dois cartões vermelhos para o Grêmio Náutico União. Comentou que “com esta bolinha eles querem ganhar”. Os jogadores do Grêmio Náutico União, ironicamente, o chamavam de “um grande juiz”, ou então “este é um árbitro que fez o curso”. A SOGIPA que nada tinha a ver com as reclamações comemorou a vitória, e credenciou-se a enfrentar a Ginástica de Novo Hamburgo na final (que derrotou sem problemas a Associação Amigos do Voleibol em Santa Maria por três sets a zero nessa rodada), pois mesmo perdendo todos seus jogos seguintes, os adversários não poderiam alcançá-la na pontuação.

Com um importante reforço, Renan que voltou da seleção depois de 1 ano fora do estado, a SOGIPA mesmo classificada derrotou o Gaúcho no dia 7 de dezembro por 3 sets a 1 (15x6, 14/16, 15x5 e 15/8), em jogo no qual já se preparava para a decisão do estadual.

Numa partida emocionante, disputada em cinco sets, a Ginástica de Novo Hamburgo venceu a SOGIPA e levou a decisão do estadual para a disputa de um supercampeonato (série melhor de três) entre as duas agremiações. Segundo o jornal Zero Hora (1977) o resultado de 3 sets a 2 (3x15, 15x12, 16x14, 4x15, 15x12) demonstrou o equilíbrio entre ambas as equipes ao longo de um campeonato bastante disputado, e que passou a uma fase extra, devido a igualdade de pontos entre SOGIPA e Ginástica de Novo Hamburgo. Ao final do jogo havia um barulho enorme em volta do diretor de voleibol da SOGIPA Radamés Dal Zotto que tentava

pegar a súmula da partida em meio a quadra tomada pela charanga e torcedores que faziam um tremendo carnaval. Ao final do jogo, conforme publicado pelo jornal Folha da Tarde (1977), Radamés constatou um fato curioso: a SOGIPA marcou 68 pontos e a Ginástica de Novo Hamburgo 53, durante o jogo, mas foi taxativo: “- Mas os sets é que são válidos e não os pontos totais”. A Federação definiu os dias 13 e 15 para os jogos decisivos, e o dia 30 no final do mês, caso fosse necessário uma terceira partida.

No dia seguinte ao jogo que levou a decisão do estadual para o supercampeonato, o jornal Folha da Tarde (1977) publicou uma entrevista exclusiva com o atleta Renan Dal Zotto falando sobre a sua participação e a da seleção brasileira adulta no Mundial do Japão realizado em novembro. A seguir, segue declarações importantes de Renan mostrando como estava o voleibol nessa época.

A falha maior do volibol brasileiro é a inexistência praticamente de um intercâmbio a nível internacional. Não custaria muito e acabaria com essa monotonia em que vivem os clubes do Brasil. Na Europa, todos os meses tem campeonatos amistosos (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 38).

Quando a gente viaja, a única coisa que os dirigentes recomendam é a disciplina. Tem vezes que eles nos dão o dia todo livre para fazermos o que quisermos; não precisa nem voltar para dormir no hotel. Cada um recebe cem dólares podendo gastar a vontade (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 38).

Todo jogo é uma historia; toda viagem também. Nessa última aconteceu um negócio que eu nunca tinha visto. Tinha duas firmas de artigos esportivos lá no Japão, a Tiger e a Goldwin, que estavam sempre procurando uma passar a frente da outra. Se uma nos dava calções de brinde, vinha a outra e nos dava camiseta. Isto todos os dias. Só sei que nós, acabamos ganhando um monte de coisas repetidas (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 38).

Em 1978 eu pretendo me dedicar mais aos estudos, Vou fazer um cursinho pré-vestibular durante o ano todo para ver se em 79 eu entro para a faculdade de Engenharia Mecânica. Até hoje eu nunca

tive problemas no colégio quanto às faltas; vamos ver se na faculdade vai ser a mesma coisa (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 38).

Tais relatos do atleta Renan Dal Zotto reafirmam as características importantes evidenciadas desde o início da década de 70 do amadorismo do voleibol no Rio Grande do Sul e as transformações que viriam a acontecer: a falta de intercâmbio, a preocupação com os estudos em paralelo ao voleibol e a notoriedade ganha servindo a seleção brasileira, que além de oportunizar viagens pelo mundo todo, ganhava-se dinheiro para gastos particulares durante os campeonatos. E nesse momento Renan falou sobre a influência que as firmas de artigos esportivos (patrocinadores) começavam a criar no esporte, buscando superar concorrentes para conquistar mercados.

Assim como no voleibol masculino adulto do estado, as melhores equipes no juvenil pertenciam a SOGIPA e Ginástica de Novo Hamburgo. Dessa forma, no final do ano a SOGIPA conquista o quarto campeonato estadual juvenil, seguido pela Ginástica de Novo Hamburgo na segunda colocação, ACM na terceira e Clube Rio-grandense na quarta posição. Os resultados do quadrangular disputado na cidade de Cachoeira do Sul, segundo o jornal Folha da Tarde (1977), foram os seguintes: SOGIPA 3 x 1 ACM (15x8, 10x15, 15x2 e 15x9), Ginástica de Novo Hamburgo 3 x 1 Clube Rio-grandense (15x7, 14x16, 15x10 e 15x5), Ginástica de Novo Hamburgo 3 x 1 ACM (13x15, 15x11, 15x9 e 15x5), SOGIPA 3 x 0 Clube Rio-grandense (15x5, 15x4 e 15x3), ACM 3 x 1 Clube Rio-grandense (6x15, 15x12, 15x11 e 15x6) e SOGIPA 3 x 0 Ginástica de Novo Hamburgo (15x8, 15x6 e 15x5).

E na primeira partida do supercampeonato, para definir o campeão estadual adulto do ano de 1977 a SOGIPA levou a melhor e derrotou a equipe da Ginástica de Novo Hamburgo por 3 sets a 1 (12x15, 15x3, 15x10 e 15x10), podendo

ficar com o título caso vencesse a segunda partida a ser disputada. Conforme mostrou o jornal Folha da Tarde (1977), em nada pode ser previsto o resultado do próximo jogo, pois o nervosismo dos jogadores frente a uma decisão; as reclamações de Cláudio Behrend (técnico da Ginástica de Novo Hamburgo) contra a arbitragem; o ginásio de esportes totalmente lotado e uma charanga “movida” a cerveja formaram o saldo da primeira partida, e que com certeza iria fazer-se presente no próximo encontro.

Conforme noticiou o jornal Folha da Tarde (1977) “O estado é pequeno demais para nós dois”; frase lembrando a linguagem dos tempos dos “cowboys” no qual só sobreviveria um após o duelo, foi lembrada no desfecho da segunda partida do supercampeonato no qual a SOGIPA ganhou o jogo por 3 sets a 2 (13x15, 9x15, 16x14, 15x12 e 15x4) em Novo Hamburgo. Em uma partida emocionante, no qual a equipe da Ginástica de Novo Hamburgo estava ganhando o terceiro set por 14x10 e tinha chances plenas de vitória e a desperdiçou, “[. . .] a SOGIPA impôs sua força ante a esforçada e vibrante Ginástica. Como que entendendo o sofrimento de seus jogadores, as quase três mil pessoas que assistiram à partida retiraram-se sem que houvesse uma manifestação sequer; a bandinha parou de tocar e fez-se silêncio, como nos velhos tempos” (FOLHA DA TARDE, 1977, p. 42).

Ao final do campeonato, dirigentes e atletas, de ambas as equipes, foram unânimes ao afirmar que o campeonato estadual foi um sucesso. Dessa forma, a SOGIPA sagrou-se bicampeã estadual adulta. A SOGIPA foi formada com: Sérgio, Carlos, Alberto, Daniel, Melo, Hugo, Thomas, Renan, Gabriel, José Luiz, Gérson, Elison e Renato. A Ginástica de Novo Hamburgo foi vice-campeã com: Nelson, Marcelo, Engel, Berbigier, João Geist, João Carlos, Jorge, Mauro, Vitor Hugo, Elmar e Régis.

O final do ano de 1977 no Rio Grande do Sul também foi marcado pela convocação dos atletas que iriam representar o estado no campeonato brasileiro juvenil a ser realizado em março de 1978. A seguir segue a relação dos atletas chamados, divulgados pelo jornal Zero Hora (1977). Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA): Renan Dal Zotto; Ailson Arena dos Santos; Paulo César Fonseca Mello; Daniel Lorenz de Azevedo, Luiz Gustavo Álvares de Brito e Marco Simões Freire; Grêmio Náutico União: Fernando W. Oliva e Ricardo Bins Livi; Associação Anchieta: Roberto Bins Livi; ACM: Doro Corporal; Sociedade Rio Branco: Renan Hampel Vicente; Recreio da Juventude-Caxias: Jaime Lorandi; Ginástica de Novo Hamburgo: Régis Eneir Ruschel; João Alberto Zappoli; João Carlos Loher; Júlio César Diehl e Marco Antônio Schimdt; Agremiação Pelotense-Pelotas: Luiz César Vighi; Clube Náutico Capingui-Passo Fundo: Wladimir Alexandre Menegaz; Associação Amigos do Voleibol Santa Maria: Werner Rempel; Clube Rio-grandense-Montenegro: Túlio Cícero Harres Soares. Técnico: João Batista dos Santos (SOGIPA) e Preparador físico e assessor técnico: Rubem Silva (Ginástica de Novo Hamburgo).

O ano de 1978 começou agitado no mês de fevereiro, no interior do Estado, em Montenegro, pois lá estava concentrada a seleção brasileira infanto-juvenil, para disputa do I Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires. Dessa forma, a seleção gaúcha juvenil que estava hospedada em Novo Hamburgo, preparando-se para o campeonato brasileiro, foi até Montenegro para realizar um amistoso com a seleção nacional. Em um jogo de ótimo nível técnico e uma grande presença de público, a seleção gaúcha venceu a seleção brasileira por 3 sets a 1 (12x15, 16x14, 19x17 e 17x15). Segundo o jornal Folha da Tarde (1978) o jogador

Renan Dal Zotto foi destaque pela seleção gaúcha, enquanto pelo lado da seleção brasileira Mário Xandó ocupou a posição de melhor jogador da equipe.

No dia 15 de março definiu-se o local da primeira rodada do campeonato brasileiro juvenil divisão B, sendo Porto Alegre eleita para no dia 22 de março dar início aos jogos que definiria o campeão e vice-campeão promovidos a primeira divisão. Segundo Folha da Tarde (1978), todos estavam muito confiantes na classificação da seleção gaúcha, e o técnico João Batista destacou que teria Minas Gerais, Paraná e Ceará como seus principais adversários, tendo de enfrentar ainda Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Goiás. Segundo o preparador físico Rubens Fernandes Silva os treinamentos do selecionado gaúcho mantiveram-se em um nível muito bom até fins de fevereiro. Porém em março, quando iniciaram as aulas, enfrentaram problemas com o deslocamento do pessoal, especialmente aqueles de cursinhos, pois de nada adiantava justificar faltas, se o que interessava era a presença em aula.

Na primeira rodada do campeonato, a seleção não encontrou dificuldades ao bater o Rio Grande do Norte por 3 sets a 0 (15x7, 15x4 e 15x2), no ginásio do Grêmio Náutico União, com a presença de um bom público. “Um vôlei solidário” e “na verdade, foi isto que aconteceu, todos jogando para a equipe, e não em função de apenas um jogador”, palavras ditas ao jornal Zero Hora (1978) pelo técnico João Batista. O Rio Grande do Sul atuou com Régis, Roberto, Paulo, Renan Vicente, Daniel, Renan Dal Zotto, João Carlos, João Alberto e Oliva.

Na segunda rodada, no ginásio da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, no principal jogo da noite a seleção gaúcha ganhou com facilidade por 3 sets a 0 (15x10, 15x3 e 15x11) do Ceará.

Já na terceira rodada, sem problemas durante a partida, o selecionado gaúcho venceu a equipe de Goiás por 3 sets a 0.

E na quarta rodada, com dificuldades no segundo set apenas, quando cedeu 12 pontos ao adversário, a seleção do estado venceu por 3 sets a 0 a Paraíba e continuou liderando o campeonato. João Batista disse que o oponente veio bem treinado e com um técnico – Josenildo Carvalho – vivo e esperto. Agora, o Rio Grande do Sul preparava-se para enfrentar o adversário mais difícil, Minas Gerais.

Na quinta rodada, ocorreu o jogo de maior dificuldade para o Rio Grande do Sul no campeonato. Antes da partida, a seleção repetiu um ritual comum em todos os encontros, “o treinador da seleção João Batista reúne os atletas e acerta os últimos detalhes da equipe para um jogo que é sempre difícil. O jogo vai começar, no fundo da quadra, as cabeças baixas, uma mão na outra, um grupo fechado e o grito forte: Gaúchos, ressoa no ginásio” (ZERO HORA, 1978, p. 50). Em quadra, o que era previsto aconteceu, e a seleção gaúcha venceu o jogo por 3 sets a 1 (15x6, 10x15, 15x12 e 15x7), cedendo seu primeiro set no campeonato.

Na sexta e penúltima rodada, o Rio Grande do Sul não encontrou dificuldades em vencer a fraca equipe do Maranhão por 3 sets a 0 (15x0, 15x8 e 15x4). Com esse resultado, a seleção gaúcha estava a uma vitória do título.

Na sétima e última partida do campeonato, o Rio Grande do Sul derrotou o selecionado do Paraná por 3 sets a 1 (12x15, 15x1, 15x12 e 15x10) no ginásio do Grêmio Náutico União e conquistou o título do campeonato. Em segundo lugar ficou o estado de Minas Gerais, que juntamente com o Rio Grande do Sul classificaram-se para a primeira divisão do campeonato a ser disputado no ano seguinte, 1979. Segundo o jornal Zero Hora (1978), para o presidente da Federação Gaúcha René Resende da Silveira o campeonato brasileiro de voleibol juvenil “fez justiça ao vôlei

gaúcho”. Conforme também constatou o jornal, devido a organização perfeita e as condições favoráveis, a Confederação Brasileira de Vôlei determinou a escolha do Rio Grande do Sul como um dos locais ideais para os treinamentos e preparativos da seleção que participaria do Sul-Americano, no mês de novembro, em Montevideú.

Passado o campeonato e a euforia da conquista do título, foi publicado no jornal Folha da Tarde, o pensamento do técnico João Batista sobre o ideal de mudança que começava a aflorar no voleibol brasileiro.

O profissionalismo no sentido de dar dinheiro ao atleta no Brasil é muito difícil. Mas sou de opinião que o atleta precisa ganhar todo apoio possível, estudo, faculdade, estadia e até alimentação se for o caso. Tem muitos que precisam trabalhar. Então o clube deve conseguir um emprego. Sou contra o pagamento em dinheiro (e nessa época era proibido por lei o pagamento em dinheiro ao atleta amador). Todos sabem que os grandes destaques brasileiros recebem uma ajuda de custo, mas eles dedicam praticamente todo seu tempo ao esporte. Tem ainda os atletas-técnicos que penso ser justo receberem porque normalmente eles treinam equipes inferiores. Um outro problema é que muitos atletas deixam de ir para uma seleção porque tem medo de perder o emprego. Isso não é justo. Nesse caso o clube deve batalhar por eles ou achar um outro emprego que os dispense quando precisar (FOLHA DA TARDE, 1978, p. 33).

Júlio Volpi também explicou como funcionava o “pagamento” da época.

[. . .] existiam algumas questões colocadas, vamos dizer, que era um, nem pode se chamar de pagamento; era uma questão de algum recurso que alguns clubes, para manter os atletas... E uma ajuda de custo, mas isso naquele tempo era – tinha que ser – mantido sempre fora de ... Por baixo do pano, porque os regulamentos eram muito rígidos, inclusive na questão das Olimpíadas e coisa. Não podia haver nenhum envolvimento profissional. Agora, atualmente, tu vêes que até os profissionais americanos de basquete jogam Olimpíada. Então era uma coisa bem diferente do atual. Então, alguns clubes pagavam alguma coisa, recurso aos atletas. Mas eram muito poucos e eram em quantias irrisórias! Era mais uma ajuda de custo para se manter, para fazer um lanche depois do jogo, para condução para ir ao jogo [. . .] (VOLPI, 2002, p. 10).

De volta ao regional, em maio iniciou-se o campeonato estadual adulto, e como era esperado, segundo o jornal Folha da Tarde (1978), a SOGIPA derrotou o Clube Rio-grandense na estréia por 3 sets a 0 (15x7, 15x1 e 15x6), na estréia de Marco Volpi no time do capital.

Pela segunda rodada do campeonato estadual a SOGIPA venceu ao Gaúcho por 3 sets a 0 (15x7, 15x9 e 15x9), e sem contar com Marco Volpi, pois existia uma cláusula na qual não poderia enfrentar seu ex-clube, e também com a ausência do grande atleta Cândido Freire, recém contratado, o clube seguia confiante na busca do título.

Em mais uma rodada do estadual, realizada no ginásio de esportes do Grêmio Náutico União, a equipe local saiu derrotada por 3 sets a 0 (15x5, 15x6 e 15x10) para a forte equipe da SOGIPA, conforme disse o técnico resignado com o resultado: “- a derrota já era esperada, apesar de que nós entramos em quadra sempre para ganhar” (FOLHA DA TARDE, 1978, p. 34). A SOGIPA atuou com Betão, Paulo Melo, Cândido, Marco Volpi, Renan, Luciano, Daniel, Gérson, Renato e Hugo. Técnico João Batista. Já o Grêmio Náutico União teve Willhelm, Nelsinho, Paulinho, Futuro, Oliva, Fifi, Barreto, Coquinho e Cadinho. Técnico: Júlio Volpi.

Na semana na qual completaria 18 anos, em julho de 1978, o jornal Correio do Povo (1978) publicou uma entrevista exclusiva com o atleta Renan Dal Zotto, tido como a maior esperança do voleibol brasileiro, que começou nas escolinhas de futebol do Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense, e a abandonou a convite do professor de educação física do colégio Inácio Montanha, João Batista. Abaixo segue trechos dessa entrevista, destacando, a situação do jogador de voleibol, bem como estava o esporte nessa época.

Bem, o vôlei é esporte amador. Surgiu a campanha “Adote um Atleta”, mas aqui não deu muito certo. Tive uma oportunidade de ser adotado por uma firma de Caxias, mas quando comecei a receber no fim do mês, o dinheiro vinha só para mim. E os outros jogadores? Assim não serve. Tem que ser como no Rio e São Paulo, a firma adota toda a equipe e todos recebem a mesma coisa (Cr\$ 2 mil por mês) (CORREIO DO POVO, 1978, p. 43).

Acho que sim (patrocínio de empresas seria uma saída para o esporte amador em geral). Lá no Rio e São Paulo é assim, e eles estão sempre por cima. Deve ser por um motivo desses. Aqui o pessoal parece não aceitar bem isso. O Hugão (um dos atletas da Sogipa) tem uma fábrica, e se ofereceu para dar camiseta ao time da Sogipa. Mas naturalmente deveria constar o nome da empresa na camiseta, e por isso o pessoal da Sogipa não concordou, embora a gente esteja jogando com um uniforme todo ralado, todo velho (CORREIO DO POVO, 1978, p. 43).

Sim, acho que sim (se serias a favor do profissionalismo). Não só eu, mas todo mundo. Para haver aquela recompensa. Uma retribuição pelo que o cara fez. É justo, pô. Agora vocês imaginem um cara novo, iniciando sua carreira. O que espera por ele? Só treinar, treinar e treinar? Precisa muito trabalho e vontade para chegar ao ponto que cheguei. E a maioria desiste na metade do caminho (CORREIO DO POVO, 1978, p. 43).

Percebe-se que o atleta gaúcho já tinha uma percepção do que ocorria no eixo Rio - São Paulo, no qual a profissionalização do vôlei iniciava-se e aqui no Rio Grande do Sul ainda tinha resistência. Outro ponto de destaque é a fidelidade dos atletas com o grupo, sempre pensando em conjunto e não individualmente, conforme Renan destacou que o dinheiro deveria ser repassado para toda a equipe.

Seguindo com o campeonato estadual, novamente a equipe da SOGIPA não encontrou problemas e derrotou ao Niterói por 3 sets a 0 (15x3, 15x2 e 15x6), comprovando que o clube não encontra adversários no Rio Grande do Sul, a não ser nos encontros com a Ginástica de Novo Hamburgo, que é a única equipe a impor alguma dificuldade.

Com lugares garantidos no quadrangular final do campeonato estadual adulto, as equipes da SOGIPA, Grêmio Náutico União e Ginástica de Novo

Hamburgo, apenas aguardaram a disputa da repescagem que foi realizada no final de semana do dia 7 de outubro, para decidir quem ocuparia a quarta vaga. Niterói, Gaúcho, Juventude, Agremiação Pelotense, ADUFMS e Clube Rio-grandense, enfrentaram-se entre si para decidir que ficaria com a vaga, sendo esse último clube citado o vencedor.

Com a definição das equipes, o quadrangular iniciou-se no meio da semana seguinte com o duelo entre SOGIPA e Grêmio Náutico União, num jogo no qual a equipe da SOGIPA mostrou sua supremacia vencendo por 3 sets a 0 (15x1, 15x11 e 15x2). Ao final do jogo, conforme registro do jornal Folha da Tarde (1978), Radamés Dal Zotto, diretor técnico da SOGIPA, falou que esperava muito mais do Grêmio Náutico União, e que a partir daquele momento os treinamentos da sua equipe iriam intensificar-se para as finais e visando ao Troféu Brasil, que seria realizado no final do mês, em Campinas.

Na rodada seguinte, na qual a Ginástica de Novo Hamburgo recebeu a SOGIPA de Porto Alegre num jogo que reservava muitas emoções, a partida não terminou. Depois da derrota no primeiro set por 5x15, e estar vencendo o segundo set por 13x10, no momento do pedido de tempo, o jogador número 10, Vitor Hugo, da Ginástica de Novo Hamburgo, ofendeu o fiscal de linha (o palavrão ouviu-se até de fora da quadra) e foi expulso pelo árbitro. O atleta negou-se a sair de quadra, e conforme relatou o arbitro Nilo Gonçalves: “Está suspenso o jogo” (FOLHA DA TARDE, 1978, p. 37). Dessa forma, depois de muita acusação, discussão e ameaça, o jogo não chegou ao fim, ficando a decisão para um julgamento no TJD, depois que um relatório fosse enviado a Federação Gaúcha de Voleibol.

Prosseguindo a rodada do estadual, SOGIPA e Grêmio Náutico União enfrentaram-se no dia 25 de outubro. De acordo como o jornal Folha da Tarde

(1978) numa partida iniciando com 3 horas de atraso, a SOGIPA venceu com muita facilidade ao Grêmio Náutico União por 3 sets a 0 (15x6, 15x4 e 15x3), e seguiu jogando bem na busca por mais um campeonato. Nesse dia René Rezende falou sobre a decisão do tumulto que ocorreu no último jogo entre SOGIPA e Ginástica de Novo Hamburgo, dizendo que provavelmente haveria outra partida, porém faltava ainda completar o relatório da tal partida para uma decisão final.

Depois de muitos jogos, a SOGIPA venceu mais um campeonato estadual adulto com duas rodadas de antecipação e invicto, e para surpresa de muitos o clube Grêmio Náutico União ficou com o vice-campeonato, seguido pela Ginástica de Novo Hamburgo em terceiro. O elenco campeão (figura 4) teve: Gerson, Hugo, Vianna, Renan, Ailson, Thomas, Candido, Marcos Vinicius, Marco Antônio, Renato, Sérgio, Gustavo, Mello, Luciano, Daniel, Martelet e Betão.



Figura 4 - Equipe da SOGIPA tricampeã invicta. Fonte: Folheto Comemorativo da SOGIPA, dez. de 1978.

No início de novembro foi realizado o Troféu Brasil Interclubes de Voleibol em Minas Gerais, no qual participavam os principais clubes do país, e representando o Rio Grande do Sul estava a equipe da SOGIPA. O clube da capital gaúcha terminou o campeonato na quinta colocação, ficando atrás dos principais clubes nacionais na época, que representavam Rio de Janeiro e São Paulo, como Flamengo e Paulistano.

O ano de 1979 seguiu com muitos jogos e disputas entre os clubes do Rio Grande do Sul, e assim seguiu-se no início dos anos 80 até que em 1983, como já havia sido previsto, anos antes, por profissionais do voleibol, que o Rio Grande do Sul precisaria de maior investimento para vislumbrar notoriedade no voleibol brasileiro. Assim, o Sulbrasileiro resolve apostar no voleibol gaúcho e cria sua equipe de voleibol, dando fim ao período amador do voleibol, também chamado de período romântico, definido assim por Carlos Arthur Nuzman (1985):

Era um trabalho sem seqüência, já que não era complementado na seleção brasileira. Dificilmente os jogadores podiam se dedicar aos exercícios dias seguidos, preocupados com o colégio, a faculdade ou o emprego. A improvisação, comum a todos os esportes amadores, contaminava os dirigentes, que não tinham dinheiro nem para organizar um calendário. As competições limitavam-se aos torneios regionais e Campeonato Brasileiro de Seleções, este último vencido quase sempre pelos paulistas (p. 14).

## 5. A PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL NO RIO GRANDE DO SUL

Antes de verificarmos como foi o desenvolvimento do Sulbrasileiro no voleibol gaúcho, é importante observarmos como foi deixada para trás a fase do romantismo do esporte, e como se iniciou no Brasil o emergente processo de profissionalização do voleibol.

Em 1980 durante as Olimpíadas de Moscou, Nuzman observou que grandes jogadores brasileiros estavam defendendo times italianos, e que faltava para o Brasil manter jogadores e equipes de alto nível para levar o país a grandes conquistas internacionais, conforme relata Marcus Vinicius Freire abaixo (<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas/2009/08/11/ult4367u3406.jht>, acesso: 05/05/10).

Treinar todos os dias em dois períodos, com concentrações, viagens e estrutura. Esta realidade passou a fazer parte do voleibol brasileiro a partir da década de 80. "Tudo começou nos Jogos de Moscou. O Nuzman estava na arquibancada com o Braguinha [empresário Antonio Carlos de Almeida Braga], que perguntou o que faltava para o Brasil disputar medalha. Depois de ouvir que era apoio, ele decidiu investir no esporte".

Dessa forma, após quase um ano de "confronto" com o Conselho Nacional de Desportos, em 1981 foi deliberado a proibição de empresas e patrocinadores atuarem junto a clubes e entidades esportivas e também de estampar em seus uniformes as propagandas das marcas patrocinadoras.

Assim surgiram as primeiras Associações Desportivas investindo altos valores na modalidade, que além de elevar a qualidade do voleibol nacional, através de melhorias nas estruturas e na disponibilidade de treinamentos, passaram a manter mensalmente salários a atletas e conseqüentemente a permanência dos mesmos no país.

A primeira intervenção de empresa no voleibol ocorreu com a Atlântica/Boavista de Seguros do Rio de Janeiro, seguidos pelo Banco Bradesco do Rio de Janeiro, da Fábrica de Pneus Pirelli de Santo André e do Banco do Estado de São Paulo – Banespa. Tais parcerias foram proveitosas para todos os envolvidos na modalidade. Os investidores tiveram um considerável retorno publicitário, sendo suas marcas veiculadas nos meios de comunicação: jornais, revistas, televisão; além do grande número de pessoas que associavam seus ídolos e clubes aos produtos do patrocinador. Os atletas beneficiaram-se, pois os treinamentos antes noturnos e exaustivos após a jornada de trabalho diária, foram substituídos por horários ao longo do dia, com infra-estrutura mais qualificada, dentre material e quadras para prática. Dessa forma a dedicação era exclusiva ao voleibol, recebendo em troca salários compatíveis, e também, em alguns casos, assistência médica e odontológica, possibilitando o desenvolvimento de uma carreira, conforme afirmou o ex-atleta José Montanaro Júnior (<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas/2009/08/11/ult4367u3406.jhtm>, acesso: 05/05/10).

E eu cheguei a parar de jogar para fazer faculdade de engenharia para ter um futuro. Mas logo em seguida começou a entrar patrocínio nos clubes. Este processo de profissionalização permitiu que eu continuasse nas quadras.

A mídia ganha mais opções na sua rede de programação, atendendo mais telespectadores, leitores e anunciantes. E o governo intensifica uma de suas atribuições que é oportunizar acesso a atividades de lazer e esporte para a comunidade, uma maior arrecadação, empregos e valorização da imagem internacional.

Esse tipo de investimento (patrocínio de empresas no voleibol) vem crescendo ano após ano, depois de começar timidamente, graças à difusa convicção, no meio empresarial, de que marcas, produtos e serviços podem absorver os atributos positivos normalmente ligados ao esporte: estímulo para a educação e a geração de valores; criação de referências pessoais e sociais; estimulador de novos empregos e profissões (DOSSIÊ ESPORTE, 2006).

Esse pensamento que conduz diversas equipes do voleibol brasileiro hoje, e que já ocorria no território nacional enquanto no Rio Grande do Sul a modalidade era ainda amadora, aliado a popularização do voleibol cada vez mais acentuada, fez com que o banco Sulbrasileiro aproveitasse a oportunidade para ser o pioneiro na profissionalização do voleibol do Rio Grande do Sul.

O Sulbrasileiro surgiu no final de 1981, quando um grupo de funcionários da empresa procurou a diretoria com a idéia de criar um time para jogar voleibol, buscando a integração dos funcionários. Tal idéia concretizou-se, e aos poucos foi tomando outros caminhos, deixando de ser apenas encontro dos trabalhadores do banco. Nesse primeiro ano, o técnico era Marco Antonio Volpi, conforme ele mesmo falou em entrevista: “- eu fui técnico do Sulbrasileiro, quando iniciou o Sulbrasileiro, primeiro ano” (VOLPI, 2002, p. 7).

A partir disso pensou-se em participar de competições, realizando assim a contratação de alguns funcionários para atuarem na equipe. Aos poucos a perspectiva de formar uma equipe institucional, através da Associação dos Funcionários da Acredi, Associação de Crédito Imobiliários, foi aumentando e a diretoria da empresa resolveu apoiar a idéia, conforme disse Pedro Carlomagno, diretor da empresa: “Ao invés de termos funcionários jogando, passamos a subsidiar

a Associação para que ela pudesse destinar os recursos para fazer uma equipe”. Desenrolava-se assim a profissionalização do voleibol no Rio Grande do Sul.

Esse processo decorreu ao longo do ano de 1982, até que no mês de dezembro realizou-se o Torneio Sulbrasileiro de Voleibol, no Gigantinho, que contou com a presença da Atlântica Boavista, Frigorífico Chapecó e Funba-Bagé. Tal evento teve como objetivo a premiação de todos envolvidos no trabalho realizado durante a temporada e dessa forma, com a dedicação e engajamento no esporte, seria dado um pequeno salto de qualidade para o ano de 1983.

Carlomagno falou que o Sulbrasileiro tinha uma verba de publicidade que oscilava entre 100 e 150 milhões de cruzeiros por ano. Então se uma equipe como a Supergasbrás, que estava sendo bastante badalada, iria gastar uns 120 milhões, bem que o Sulbrasileiro poderia gastar entre 10 e 15 milhões de cruzeiros. Assim, o voleibol passou a ser o principal meio do *marketing* do Sulbrasileiro (figura 5).

# A Poupança Sulbrasileiro

Na EMOÇÃO de todas as jogadas, a Caderneta de Poupança Sulbrasileiro faz o melhor pelo seu dinheiro. Vai à luta com GARRA. Tem um rendimento de muita SAÚDE. Com HABILIDADE, FORÇA e ENERGIA, ela reúne todas as qualidades de uma grande caderneta. Acredita no que faz, como você acredita na VITÓRIA.

CADERNETA DE POUPANÇA  
**SulBRASILEIRO**  
 A poupança tri-legal  
 em todas as agências do Banco Sul Brasileiro



*Promonte Propaganda*

# é mais você.

Figura 5 - Material de divulgação na mídia da equipe de voleibol do banco Sulbrasileiro.

Fonte: Revista Brasil Match, Rio Grande do Sul: n.1, abr de 1983.

A intenção inicial não era o investimento no voleibol, mas trabalhou-se em função do que aconteceu, e o fato de o Brasil ter conquistado bons resultados durante a temporada de 1982 foi fundamental para o apoio nessa modalidade.

Já no início do ano de 1983, o Sulbrasileiro colocava uma série de inserções na televisão mostrando a equipe de voleibol. Os diretores da empresa achavam que nada melhor para divulgar do que uma mídia televisiva com um esporte podendo levá-lo as comunidades (figura 6). Além de poder manter uma boa imagem do produto, nesse caso a caderneta de Poupança Sulbrasileiro, a publicidade poderia ser feita com as próprias pessoas através de jogos nessas comunidades.

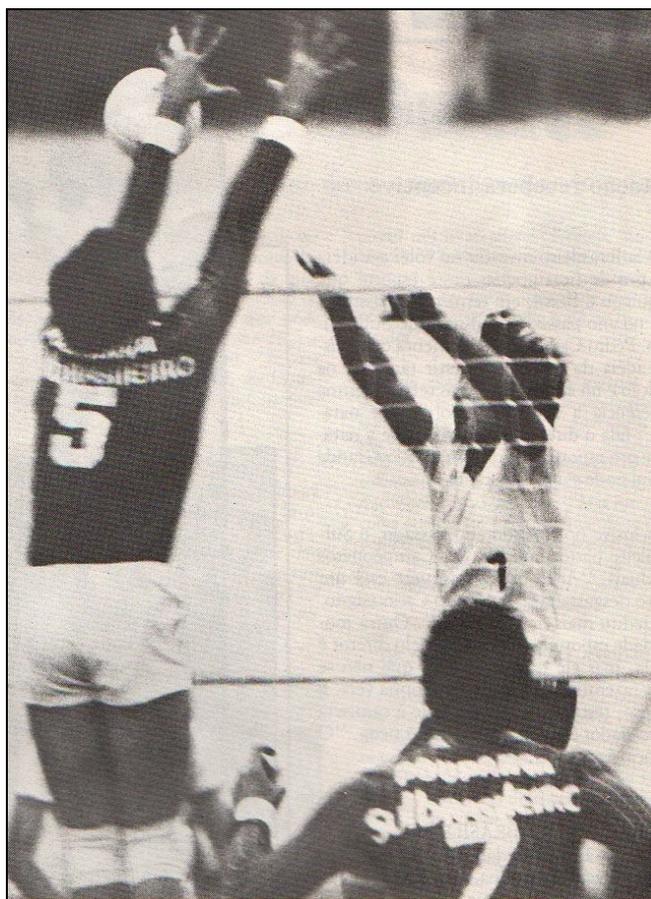


Figura 6 - Divulgação da caderneta de poupança do banco Sulbrasileiro na camiseta da equipe. Fonte: Revista Brasil Match, Rio Grande do Sul: n.1, abr. de 1983.

Uma maneira de confirmação para a empresa, de que o investimento na equipe de voleibol do Sulbrasileiro era interessante foi o retorno publicitário existente na época. E prova disso era só lembrar a partida final do Torneio realizado no final de 1982, quando o público que praticamente lotou o Gigantinho, gritaram e torceram pelo Sulbrasileiro.

Um dos resultados esperados por Carlomagno era de que o trabalho realizado pelo Sulbrasileiro em cima do voleibol fosse copiado por outras grandes empresas do Rio Grande do Sul, pois é um estado que, quando apoiado, vence. Destaca que é uma região na qual o material humano é excelente, não só dentro do voleibol, mas também em outras modalidades esportivas. E diz ainda que se atingisse o objetivo traçado para o ano de 1983, em 1984 a grande meta seria disputar a final do Campeonato Brasileiro.

E essa projeção, que seria alcançada pelo Sulbrasileiro, proporcionaria que alguém de Manaus, por exemplo, onde existia uma agência do Sulbrasileiro, ficaria sabendo da notícia, ocorrendo assim a divulgação da empresa e do Rio Grande do Sul. Pois um fato é muito claro no patrocínio esportivo de acordo com Koch (2010), todo investidor além de querer o melhor resultado dentro da quadra para seu time, também está preocupado com o retorno de mídia que a equipe dará para sua marca.

Para que a equipe alçasse as primeiras colocações, se o Sulbrasileiro tivesse a oportunidade de ter os melhores atletas, os contratariam; não querendo perturbar a formação dos atletas nos clubes. Isso, para Carlomagno, não significava o exercício do poder econômico, pois, segundo ele, os clubes possuíam as mesmas condições de dar aquilo que a empresa proporcionava, não sendo nenhum absurdo de verba. Destacou também que o investimento era muito importante para o

intercâmbio com boas equipes do centro do país e até do exterior, porque isso também agregaria qualidade.

Para consolidação da equipe a nível nacional a idéia era realizar vários jogos amistosos e promover a equipe do Sulbrasileiro, que no ano de 1983 foi superior ao ano anterior. Para comemorar o título realizou um hexagonal convidando equipes como Atlântica Boavista, Pirelli, Atlético Mineiro, Minas Tênis Clube.

Antes de iniciar o Campeonato Estadual de Voleibol, a equipe do Sulbrasileiro realizou duas partidas amistosas contra a equipe do Frigorífico Chapecó. Em ambos os jogos a equipe gaúcha saiu vitoriosa, surpreendendo ao técnico principalmente no aspecto tático da equipe. Outro fator importante para obtenção das vitórias e conseqüentemente desenvolvimento do voleibol do Sulbrasileiro foi a utilização do vídeo-cassete, uma tecnologia adquirida na qual poucos tinham acesso, e que facilitaria muito a equipe na análise de adversários, e também no aprendizado através de tapes de equipes estrangeiras.



Figura 7. Equipe formada pelo Sulbrasileiro para início das disputas. Fonte: Revista Brasil Match, Rio Grande do Sul: n.1, abr. de 1983.

A equipe (figura 7) formada para início das disputas foi: Talmai Nagel, Fernando Treiss, Sérgio Karg, João Alberto Zapolli - Joca, Renato João Orsatto - Xanxerê, Marcelo de Lima Dutra, Andrew Zacaron Gonzaga, Luis Fernando Pinheiro Machado Aquini - Tubarão, Luis Virgilio Capuani, Paulo Roberto Schmidt - Beto, Régis Emir Russhel - Leco, João Carlos de Menezes Campos - Negreli, Paulo André Jukoski - Paulão, Antônio Calza Caporal - Doro e Márcio Fernandes Sanchs. Técnico: Luis Delmar da Costa Lima - Duda e Preparador Físico Ricardo Pacheco Machado. Com esse elenco iniciava-se o primeiro time profissional do Rio Grande do Sul a atuar nas quadras de voleibol do Estado e do Brasil.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a bibliografia consultada para esse estudo, constata-se que o Rio Grande do Sul pode vivenciar momentos históricos e distintos depois dos anos 70. Após a profissionalização do voleibol, observamos a confirmação de que as décadas de 70 e 80 foram marcadas por duas diferentes fases. A primeira, o amadorismo, também conhecido por período romântico, no qual prevalecia a falta de investimentos em clubes e seleções, com um enorme esforço dos atletas em dedicarem-se ao esporte, e a segunda, com a entrada dos patrocinadores tornando o voleibol profissionalizado. Independente da fase é importante deixar claro que ambas foram de suma importância para o desenvolvimento do voleibol no Rio Grande do Sul.

É importante destacar que durante o amadorismo, os atletas tinham de conciliar o calendário de treinamentos e jogos com empregos e estudos, ocorrendo situações que tinham de optar por um ou outro. Nesse momento ocorria a dúvida, a escolha pela busca de uma profissão, ou a dedicação e vontade de seguir no esporte. Esse fato gerava normalmente um período curto de vida esportiva. Tendo de recorrer ao encontro do sustento financeiro, os atletas encerravam suas carreiras brevemente, antes dos vinte e cinco, anos na maioria dos casos.

Uma característica marcante dessa época é a amizade e o convívio social que o voleibol propiciava entre os atletas. Como no período do amadorismo quase não se observava o intercâmbio, tal fato gerava um grupo de atletas atuando por um mesmo clube por um longo período de tempo. Isso aproximava as relações entre atletas, comissão técnica e clube, sendo considerados em alguns momentos como uma família. Exemplificando o que aconteceu quando o atleta Renan, seria apoiado pela campanha “Adote um atleta”, e ao final do mês percebeu que apenas ele

receberia remuneração, e não toda sua equipe. Em minha opinião isso foi resultado também da não influência financeira no esporte. Pois como podemos observar hoje, o dinheiro gera atritos e rachas num grupo de atletas e também, é a remuneração recebida que define a continuidade de um jogador em um clube ou na troca por outro. E nos primeiros anos da profissionalização isso foi observado, exemplificando até o Sulbrasileiro, ocorrendo grande mudança no elenco das equipes no país. Logo, apesar de todas as dificuldades enfrentadas nesse período, depara-se com esse fato marcante: o poder financeiro não definia o futuro de um atleta ou clube, a modalidade não era movida pelo dinheiro e sim pelo amor ao esporte e identificação com o clube.

Fato importante a destacar-se com a profissionalização foi a alavancada dada pelo voleibol, tanto no Estado quanto no Brasil, deixando a imagem que a seleção brasileira tinha de mera participante, passando a uma representação competitiva em campeonatos. A principal e radical mudança foi a possibilidade dos atletas em dedicarem-se exclusivamente ao voleibol sem precisar preocupar-se em trabalhar e estudar, pois o esporte era a garantia do sustento. Com isso, o tempo de carreira aumentou, e maior era o envolvimento do atleta com a modalidade.

Outro ponto de destaque foi a massificação do voleibol ao longo do Brasil, tendo ginásios cheios, como se exemplifica a final de um torneio em 1982 com o Gigantinho lotado, gerando um contingente de espectadores e torcedores que gritavam e defendiam as marcas e produtos das empresas. Dessa forma aumentava-se o consumo, e os patrocinadores recebiam o retorno desejado.

Assim foi o decorrer do voleibol ao longo dessas duas décadas, 1970 e 1980, passou de uma prática clubística e amadora e transformou-se num esporte

espetacularizado e profissionalizado, sendo cada vez mais alvo das empresas e da mídia.

Por fim, fica claro que para evoluir, a profissionalização do voleibol era inevitável, mas que muitos sentem saudades daqueles duelos SOGIPA x Ginástica de Novo Hamburgo...

## REFERÊNCIAS

### Artigos

KOCH, R. Superliga de Vôlei 2009/2010: os campeões de mídia televisa nas transmissões dos jogos ao vivo. Efdeportes, Buenos Aires, jun. 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd145/superliga-de-volei-os-campeoes-de-midia-televisa.htm>. Acesso em 08 jul. 2010.

### Entrevista

VOLPI, Júlio César, VOLPI, Marco Antônio e VOLPI, Valmy. *Júlio César Volpi, Marco Antônio Volpi e Valmy Volpi (depoimentos, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMORIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

### Jornais

A GAZETA ESPORTIVA. “Gaúchos não pararam S. Paulo”. São Paulo: 6 fev. 1976

A GAZETA ESPORTIVA. “Gaúchos: pouco tempo para treinar”. São Paulo: 5 fev. 1976

A GAZETA ESPORTIVA. “Os gaúchos continuam vencendo”. São Paulo: 4 fev. 1976

CORREIO DO POVO. “A maior esperança do vôlei brasileiro: Renan, 18 anos, gaúcho”. Rio Grande do Sul: 16 jul. 1978

CORREIO DO POVO. “A única saída é a profissionalização”. Rio Grande do Sul: 16 jul. 1978

CORREIO POPULAR. “Vôlei do Brasil caminha para ser um dos melhores do mundo”. São Paulo: 8 fev. 1976

DESCOBRIDOR DE TALENTOS. **RBS Esporte**. Porto Alegre: RBS, 27 de outubro de 2007, Programa de TV.

DIARIO DO POVO. “Renan, o melhor de todos”. São Paulo: 6 fev. 1976

DOSSIÊ ESPORTE. *Um estudo sobre o esporte na vida do brasileiro*. Ipsos Marplan – Media Research. 2006.

ES EFE – *Vôlei*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1966

FGV – *Informativo Especial – 50 anos da Federação Gaúcha de Voleibol*. Porto Alegre – 27/09/1954

FOLHA DA MANHA. "Brasileiro de Vôlei: seleção treina quatro horas por dia". Rio Grande do Sul: 28 dez. 1973

FOLHA DA MANHA. "Falta de bolas interrompe treino de vôlei". Rio Grande do Sul: 17 jan. 1974

FOLHA DA MANHA. "Há 25 técnicos de bom nível nacional. (Dois são gaúchos)". Rio Grande do Sul: 25 ago. 1977

FOLHA DA MANHA. "Um curso para os melhores técnicos de vôlei: enfim a atualização". Rio Grande do Sul: 4 jul. 1977

FOLHA DA TARDE. "A ascensão da ginástica de Novo Hamburgo e o supercampeonato adulto". Rio Grande do Sul: 9 dez. 1977

FOLHA DA TARDE. "A longa viagem da equipe gaúcha de vôlei". Rio Grande do Sul: 28 jun. 1973

FOLHA DA TARDE. "A seleção de vôlei já está pronta para viajar". Rio Grande do Sul: 21 mar. 1975

FOLHA DA TARDE. "A Sogipa esperou dez anos por este título cidadão". Rio Grande do Sul: 5 ago. 1976

FOLHA DA TARDE. "A Sogipa ganhou do Anchieta e é campeã do primeiro turno". Rio Grande do Sul: 11 nov. 1974

FOLHA DA TARDE. "A velha história: CND diminui as passagens". Rio Grande do Sul: 17 jan. 1974

FOLHA DA TARDE. "ACM venceu ontem. É líder do campeonato junto com a Sogipa". Rio Grande do Sul: 23 jun. 1976

FOLHA DA TARDE. "Batista e Marco Antônio vão trabalhar esta seleção até o mês de dezembro". Rio Grande do Sul: 11 jun. 1976

FOLHA DA TARDE. "Bittencourt tem bons planos para a seleção brasileira". Rio Grande do Sul: 27 dez. 1976

FOLHA DA TARDE. "Dentro de alguns anos, o atleta será pago. Opinião dos treinadores gaúchos". Rio Grande do Sul: 6 abr. 1978

FOLHA DA TARDE. "Entre os juvenis me sinto bem melhor. A explicação de Renan". Rio Grande do Sul: 10 mar. 1977

FOLHA DA TARDE. "Falta conscientização no vôlei gaúcho, diz Renan". Rio Grande do Sul: 11 mar. 1975

FOLHA DA TARDE. "Foi fácil para a Sogipa (de novo)". Rio Grande do Sul: 25 out. 1978

FOLHA DA TARDE. "Gaúcho perdeu ontem. ACM e Sogipa estão liderando". Rio Grande do Sul: 18 jun. 1976

FOLHA DA TARDE. "Ginástica perdeu. Enquanto houve vôlei na quadra de Novo Hamburgo". Rio Grande do Sul: 18 out. 1978

FOLHA DA TARDE. "Grêmio mais perto do título. No masculino, vitória foi da Sogipa". Rio Grande do Sul: 23 nov. 1977

FOLHA DA TARDE. "Hoje chegam as delegações. Jogos iniciam amanhã". Rio Grande do Sul: 21 mar. 1978

FOLHA DA TARDE. "João Batista seguirá treinando as equipes de vôlei da Sogipa". Rio Grande do Sul: 9 mar. 1974

FOLHA DA TARDE. "Melhor jogador brasileiro é da equipe gaúcha: Renan". Rio Grande do Sul: 9 fev. 1976

FOLHA DA TARDE. "Minivolibol, um esporte novo para os brasileiros". Rio Grande do Sul: 2 abr. 1975

FOLHA DA TARDE. "Na vitória da Sogipa, a última homenagem a Elmano". Rio Grande do Sul: 16 nov. 1976

FOLHA DA TARDE. "Nuzman comentou as alterações no vôlei". Rio Grande do Sul: 4 ago. 1976

FOLHA DA TARDE. "O vôlei gaúcho já começa a ser respeitado". Rio Grande do Sul: 12 fev. 1976

FOLHA DA TARDE. "Os dois títulos estaduais ficaram em Porto Alegre". Rio Grande do Sul: 16 nov. 1976

FOLHA DA TARDE. "Os gaúchos da seleção falam do esporte no país". Rio Grande do Sul: 6 jan. 1977

FOLHA DA TARDE. "Os jogadores da Sogipa garantiram oito títulos em 76". Rio Grande do Sul: 28 dez. 1976

FOLHA DA TARDE. "Público lotou ginásio em Montenegro para ver jogo das seleções". Rio Grande do Sul: 17 fev. 1978

FOLHA DA TARDE. "Renan ficou triste. Foi afastado por causa da idade". Rio Grande do Sul: 17 jan. 1974

FOLHA DA TARDE. "Renan, 16 anos: a convocação mais parecia uma brincadeira". Rio Grande do Sul: 6 jan. 1977

FOLHA DA TARDE. "Seleções gaúchas iniciaram com vitórias ontem". Rio Grande do Sul: 23 mar. 1978

FOLHA DA TARDE. "Sogipa conquistou o título de bicampeã estadual ontem". Rio Grande do Sul: 16 dez. 1977

FOLHA DA TARDE. "Sogipa derrotou Grêmio no feminino e União no masculino pelo estadual". Rio Grande do Sul: 22 mai. 1978

FOLHA DA TARDE. "Sogipa e Grêmio, vencedores do estadual juvenil". Rio Grande do Sul: 12 dez. 1977

FOLHA DA TARDE. "Sogipa reagiu e venceu a boa equipe da Ginástica NH". Rio Grande do Sul: 14 nov. 1977

FOLHA DA TARDE. "Sogipa tetracampeã, com jogadores vindos de sua escolinha". Rio Grande do Sul: 2 jul. 1976

FOLHA DA TARDE. "Sogipa venceu ontem. NH quer vitória amanhã". Rio Grande do Sul: 14 dez. 1977

FOLHA DA TARDE. "Sogipa voltou de Montenegro com os dois títulos do estadual juvenil". Rio Grande do Sul: 29 nov. 1976

FOLHA DA TARDE. "Somos o segundo esporte do Brasil, segundo Renê". Rio Grande do Sul: 29 dez. 1976

FOLHA DA TARDE. "Telefonemas e bilhetes anônimos ameaçam atletas". Rio Grande do Sul: 17 jun. 1976

FOLHA DA TARDE. "Time de vôlei da Sogipa garante mais um título: tricampeões juvenis". Rio Grande do Sul: 12 nov. 1976

FOLHA DA TARDE. "Um depoimento de tudo que viu e aprendeu no mundial do Japão". Rio Grande do Sul: 9 dez. 1977

FOLHA DA TARDE. "Vitória tranqüila da Sogipa sobre o vôlei do União". Rio Grande do Sul: 11 out. 1978

FOLHA DA TARDE. "Voleibol da Sogipa venceu Anchieta sem dificuldades". Rio Grande do Sul: 7 mai. 1975

FOLHA DA TARDE. "Sogipa e Gondoleiros venceram na abertura do campeonato gaúcho". Rio Grande do Sul: 5 mai. 1978

FOLHA DA TARDE. Rio Grande do Sul: 17 set. 1954  
<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas/2009/08/11/ult4367u3406.jhtm>

JORNAL DA MANHA. "Era jogo para a noite toda". Rio Grande do Sul: 14 out. 1977

JORNAL DA MANHA. "Grêmio e Sogipa, os vencedores da rodada de ontem no Estadual". Rio Grande do Sul: 14 out. 1977

JORNAL DA SEMANA. "Para Isaac, voleibol está morrendo. Para João Batista, está renascendo". Rio Grande do Sul: 30 dez. 1973

JORNAL HOJE. “Sogipa superou os erros para conquistar título juvenil de vôlei”. Rio Grande do Sul: 4 jun. 1975.

ZERO HORA. “A história de Nilton, que vem de Bagé, para chegar na seleção brasileira”. Rio Grande do Sul: 2 nov. 1976

ZERO HORA. “Campeonato juvenil fica com o Rio Grande do Sul”. Rio Grande do Sul: 29 mar. 1978

ZERO HORA. “Depois de muita briga, Sogipa derrotou Anchieta”. Rio Grande do Sul: 9 out. 1976

ZERO HORA. “Depois de quatro anos, a volta do União”. Rio Grande do Sul: 29 mar. 1977

ZERO HORA. “Federação convoca vôlei juvenil gaúcho”. Rio Grande do Sul: 27 dez. 1977

ZERO HORA. “Gaúchos foram bem nos jogos de abertura”. Rio Grande do Sul: 23 mar. 1978

ZERO HORA. “Ginástica venceu a Sogipa”. Rio Grande do Sul: 9 dez. 1977

ZERO HORA. “Grêmio ganhou em Caxias e Sogipa em Porto Alegre”. Rio Grande do Sul: 25 abr. 1977

ZERO HORA. “Renan vai treinar no Rio de Janeiro para o Mundial”. Rio Grande do Sul: 10 mar. 1977

ZERO HORA. “Renan: depois dos 16, o atleta vive da fama”. Rio Grande do Sul: 13 mar. 1977

ZERO HORA. “Seleção masculina está preparada e deve vencer”. Rio Grande do Sul: 25 mar. 1978

ZERO HORA. “Sogipa agora lidera o campeonato estadual” Rio Grande do Sul: 15 nov. 1977

ZERO HORA. “Sogipa venceu o Gaúcho e decide o estadual amanhã”. Rio Grande do Sul: 7 dez. 1977

## **Livros**

KOCK, Rodrigo. **Tie-Break: a saga dourada do vôlei masculino do Brasil**. Porto Alegre: Dora Luzzato, 2005.

MARCHI JR., Wanderley. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

VALPORTO, Oscar. **Vôlei no Brasil – Uma história de grandes manchetes**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

## Revistas

BRASIL MATCH. Rio Grande do Sul: n.1, abr.1983

NUZMAN, Carlos Arthur. Carlos Nuzman, o pai da matéria. **Saque**, São Paulo, n.1, 1985. Entrevista.

## Sites

<<http://www.volei.com/historia.htm>> Acesso em 11 de maio 2010

<<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas/2009/08/11/ult4367u3406.jhtm>>  
acesso:05/05/10

## Trabalho de Conclusão de Curso

SERAFIM, C. E. F. **Resgate histórico do voleibol em Porto Alegre: de 1920 a 1960**. 2004. 64 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.